

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

O SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA

Pedro Alexandre Rodrigues Ramos de Oliveira

Dissertação orientada por:

Prof.^a Dr.^a Maria Emília Marques

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

ISPA
2008/2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília Marques, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

RESUMO

O sofrimento psíquico que leva o adolescente ao suicídio manifesta-se por falhas ao nível do funcionamento psíquico, designadamente pelo uso excessivo do mecanismo de identificação projectiva. Como tal, pretendeu-se revelar a expressão do funcionamento psíquico do adolescente suicida através da análise de um protocolo Rorschach, para assim contribuir no conhecimento dos mecanismos psíquicos que caracterizam o adolescente em risco de suicídio. Pôde constatar-se que o adolescente suicida revela um funcionamento psicológico caracterizado pelo uso excessivo do mecanismo de identificação projectiva, por fragilidades identitárias e dificuldades de simbolização, representação e diferenciação dos objectos, que impedem a elaboração psíquica das experiências emocionais e que dificultam a integração ao processo adolescente.

Palavras Chave: Adolescência, Suicídio, Tentativa de suicídio, Rorschach.

ABSTRACT

The psychic suffering that leads the adolescent to suicide is manifested by failures in the psychic functioning, namely the excessive use of the projective identification mechanism. Therefore, it was intended to reveal the psychic functioning expression of suicide adolescent through the analysis of a Rorschach protocol, and by that helping to the knowledge of the psychic mechanisms that characterize the adolescent at risk of suicide. The results showed that the suicide adolescent presents a psychological functioning characterized by excessive use of projective identification mechanism, by weak identity and difficulties in symbolization, representation and differentiation of objects, which prevents the psychic elaboration of emotional experiences and makes the integration to the adolescent process more difficult.

Key Words: Adolescence, Suicide, Suicidal attempt, Rorschach.

ÍNDICE

RESUMO	I
ÍNDICE	II
INTRODUÇÃO	1
1. ADOLESCÊNCIA	5
2. O SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA	21
3. OBJECTIVO DE INVESTIGAÇÃO	37
4. MODELO DE INVESTIGAÇÃO	39
5. METODOLOGIA RORSCHACH	41
5.1. A Expressão da Adolescência no Rorschach	44
5.2. A Expressão do Suicídio no Rorschach	51
5.3. A Identificação Projectiva no Rorschach	59
6. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	66
7. SUJEITO	70
8. APRESENTAÇÃO DOS DADOS RORSCHACH	71
8.1. Análise Resposta a Resposta e Cartão a Cartão	71
8.2. Análise do Psicograma	75
9. DISCUSSÃO	80
10. CONCLUSÃO	84
REFERÊNCIAS	86
ANEXOS	89
Anexo A: Protocolo	89

INTRODUÇÃO

Este estudo surge no âmbito da conclusão da formação académica e com ele procurou-se estudar e aprofundar o conhecimento sobre o *suicídio na adolescência*. Procurou-se abordar algumas teorias sobre o processo adolescente e sobre o suicídio na adolescência, através de uma revisão da literatura de algumas teorias psicanalíticas que se debruçam sobre o tema, numa tentativa de contribuir para o conhecimento da *realidade interna* do adolescente que tenta o *suicídio*.

O suicídio é o comportamento autodestrutivo mais grave e aparece tipicamente durante a *adolescência* (Laufer, M. E., 1995/2000). Pode ser considerado como um acto desesperado para acabar com um sofrimento psíquico insuportável perante o fracasso de outras soluções.

Em Portugal o suicídio é a terceira causa de morte nos adolescentes, logo a seguir às doenças e aos acidentes. Os dados mais recentes e actualmente conhecidos, divulgados pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2009), indicam um aumento gradual do suicídio na população adolescente entre 2000 e 2002, contrariando a tendência observada na década de noventa. Apesar de em 2003 se verificar uma ligeira diminuição em relação a 2002, desde 1995 que não se regista um valor tão elevado de suicídios na adolescência.

Para OMS (2006) o suicídio é considerado como um problema grave de saúde pública e por isso tem desenvolvido várias iniciativas, nomeadamente de divulgação de informação, para a sua *prevenção*. A OMS (2006) realça que uma *melhor identificação* dos adolescentes que estão em risco de suicídio, é um passo importante na prevenção do suicídio na adolescência.

No entanto, só poderá haver uma melhor identificação destes adolescentes se existir um conhecimento sobre a realidade interna destes adolescentes, ou seja, *um conhecimento sobre os mecanismos psíquicos que caracterizam os adolescentes que tentam o suicídio*.

Segundo a OMS (2006), uma das principais causas do suicídio na adolescência é a *perturbação psicológica*, uma vez que foi detectada em 90% dos casos, designadamente as perturbações do humor, perturbações da ansiedade, abuso de substâncias e perturbações comportamentais. No entanto, sabe-se que durante o período da adolescência, por vezes, é difícil fazer a distinção entre perturbação psicológica e a *tensão provocada pelo processo de mudança*

(Laufer, M., 1995/2000), e por outro lado, nem todos os adolescentes que possuem perturbação psicológica tentam o suicídio.

Para outros autores, o suicídio na adolescência deve-se ao facto do adolescente estar exposto a *factores ambientais negativos*, designadamente, conflitos na família e separação parental, ruptura sentimental, mudança de casa, perda de um amigo devido a acidente ou, mais grave, suicídio, insucesso escolar com ruptura de orientação ou exclusão (Marcelli & Braconnier, 2005). Todavia, pode-se afirmar que os factores ambientais negativos não são suficientes para conduzirem o adolescente ao suicídio, mas sim a sua incapacidade para responder a esses factores ambientais negativos.

Neste sentido, constata-se que existe necessidade de se conhecer melhor a realidade interna do adolescente que tenta o suicídio, para que se possa actuar sobre ela e assim prevenir o suicídio. Neste sentido, com este estudo procurou-se contribuir para o conhecimento do funcionamento psicológico do adolescente que tenta o suicídio.

Então, no início deste estudo procurou-se descrever algumas teorias sobre o processo adolescente e sobre o suicídio na adolescência, permitindo dar a conhecer o experienciar da adolescência e algumas características psicológicas do adolescente suicida, a partir das quais se definiu o objectivo de estudo.

Pôde constatar-se que a adolescência é considerada como um período do desenvolvimento em que ocorrem mudanças ao nível corporal, intelectual e relacional. Estas alterações são geradoras de *tensões internas e externas*, que promovem sentimentos de estranheza e induzem vivências de descontinuidade e desarmonia (Marques, 1999).

Perante estas tensões causadas pelo processo de mudança, característico neste período de desenvolvimento, alguns adolescentes sentem-se incapazes de elaborarem essas tensões. Por vezes é difícil saber quando essa tensão é normal ou sinal de perturbação psicológica (Laufer, M., 1995/2000). A não resolução destas tensões vêm reforçar sentimentos de incapacidade e a ideia de que ninguém pode ajudar, originando um sofrimento psíquico insuportável que pode levar ao suicídio (Ladame, 1995).

Vários autores constataram que o suicídio na adolescência resulta da incapacidade destes adolescentes conseguirem lidar com tensões emocionais durante o período da adolescência. São adolescentes vulneráveis ao nível do desenvolvimento dos *processos de separação e*

individuação do objecto primário (Ladame, 1981, cit. por Marcelli, 2002; Laufer, M., 1995/2000; Laufer, M. E., 1995/2000; Jeammet & Birot, 1994).

De acordo com estes autores, esta dificuldade no processo de separação, impossibilita a *diferenciação do objecto primário* e a *formação de um Eu estável* com capacidades para lidar com as experiências emocionais, características neste período de desenvolvimento.

Para Ladame (1981, cit. por Marcelli, 2002), o adolescente vive uma angústia de separação muito intensa, em que o excesso de identificações projectivas impossibilita a diferenciação do objecto primário, tornando-o dependente do objecto. A tentativa de suicídio surge da expressão súbita de uma raiva narcísica dirigida contra o próprio corpo, como tentativa para lutar contra a dependência ao objecto primário. Jeammet e Birot (1994) constataram que os adolescentes que tentam o suicídio utilizam mecanismos de defesa pouco evoluídos e possuem relações pouco estáveis com as figuras parentais, que são relações conflituosas ou desadequadas devido às dificuldades sentidas na diferenciação do objecto e que dificultam a integração da relação com a figura parental do mesmo sexo na sua dimensão identitária e objectal. Marcelli (2002), também constatou que estes adolescentes se encontram dependentes do objecto e ficam em sofrimento, quer pela perda do objecto ou ameaça de separação, quer pela presença do mau objecto. Refere que são adolescentes que valorizam muito a realidade perceptiva, os pormenores e fazem um sobreinvestimento da realidade e, no momento que antecede a tentativa de suicídio, existe um esvaziamento das suas representações. Laufer, M. (1995/2000) verificou que o adolescente que tenta o suicídio sente o corpo sexuado como a principal fonte de tensão e de sentimentos insuportáveis e realiza a tentativa de suicídio num momento em que temporariamente não é capaz de perceber as reais consequências da sua acção (Laufer, M. E., 1995/2000).

Neste sentido, pode-se depreender que o factor essencial que mobiliza o adolescente a tentar o suicídio é a sua incapacidade para lidar com as experiências emocionais, quer sejam provocadas pelo processo adolescente, ou por factores ambientais negativos. Existe uma falha no funcionamento psíquico, revelada pela dificuldade no processo de separação, que impossibilita a diferenciação do objecto primário e a constituição de um Eu estável com capacidades para lidar com as experiências emocionais. Este funcionamento psíquico é caracterizado pela utilização de mecanismos de defesa pouco evoluídos e sobretudo pela excessiva utilização do mecanismo de identificação projectiva. Então o adolescente que, perante as tensões normais do processo

adolescente, revele um funcionamento psíquico caracterizado pela excessiva utilização do mecanismo de identificação projectiva, é incapaz de lidar com as experiências emocionais e pode levá-lo ao suicídio.

Assim, o facto de o sofrimento psíquico que leva o adolescente ao suicídio se manifestar por falhas ao nível do funcionamento psíquico, com o presente estudo, procurou-se revelar a expressão do funcionamento psíquico do adolescente suicida através da análise de um protocolo Rorschach, para assim, contribuir no conhecimento dos mecanismos psíquicos que caracterizam os adolescentes em risco de suicídio.

Definido o objectivo de estudo, procurou-se descrever o modelo de investigação utilizado e a metodologia *Rorschach* de inspiração psicanalítica utilizada. Recorreu-se à literatura Rorschach e aos estudos realizados sobre a adolescência e sobre o suicídio, de forma a se poder apurar o conhecimento existente sobre a expressão do funcionamento psicológico dos adolescentes e para se poder definir os parâmetros de análise a utilizar. É importante salientar que este estudo só foi possível devido ao trabalho desenvolvido anteriormente por outros autores, em particular por Marques (1999).

Em seguida procedeu-se à recolha, análise e interpretação dos dados do protocolo, tentando descrever o funcionamento dos mecanismos psíquicos do adolescente que tentou o suicídio. E à discussão dos resultados alcançados a partir da convergência entre as concepções teóricas sobre a realidade interna do adolescente suicida e as concepções metodológicas do processo resposta Rorschach.

Finalmente, procedeu-se às conclusões alcançadas neste estudo, evidenciando de que forma se contribuiu para o conhecimento do funcionamento psicológico dos adolescentes que tentam o suicídio, na esperança de contribuir para que os técnicos de saúde mental, em contexto de avaliação psicológica, possam identificar os adolescentes em risco de suicídio.

1. ADOLESCÊNCIA

Na literatura psicanalítica, a adolescência é considerada como um processo de desenvolvimento, que exige a concretização de várias tarefas para se poder dar como concluído. Neste sentido, recorrendo à literatura psicanalítica, procurou-se descrever algumas tarefas e organizadores inerentes a este período de desenvolvimento.

Vários autores, consideram a adolescência como o período de desenvolvimento que caracteriza a transição da infância para a vida adulta. É um período onde ocorrem mudanças ao nível corporal, intelectual e relacional.

As mudanças físicas que ocorrem na puberdade, período inicial da adolescência, influenciam os adolescentes quer ao nível do seu comportamento, quer ao nível do desenvolvimento dos seus interesses, adaptação social e qualidade de vida afectiva (Blos, 1962/1985).

A puberdade possui uma grande variação quanto ao seu início e duração, uma vez que as modificações fisiológicas apresentam um ritmo diferente em cada sujeito, e por isso, torna-se difícil conseguir-se fixar numa idade cronológica o início e o fim da puberdade. Durante este período, as acelerações e os atrasos no desenvolvimento de determinados órgãos provocam falta de uniformidade no desenvolvimento físico, obrigando a uma adaptabilidade física e psicológica por parte do adolescente (Blos, 1962/1985).

Ainda de acordo com o autor, o crescimento muitas vezes ocorre numa sequência de mudanças súbitas. Entre as várias mudanças observadas estão o crescimento acentuado em altura, peso, musculatura e o desenvolvimento de características sexuais primárias e secundárias. Estas mudanças são significativas e influenciam os estados emocionais, levando o adolescente a comparar o seu desenvolvimento com o dos seus pares, por exemplo: as meninas em relação ao aparecimento do ciclo menstrual e o desenvolvimento dos seios; os meninos em relação ao desenvolvimento genital, mudança de voz e o surgimento de pêlos faciais. A modificação da imagem do corpo na adolescência, obriga a uma reavaliação do Eu, integrando os novos poderes físicos e as novas sensações.

A maturação dos caracteres sexuais primários e secundários, que evidenciam um corpo sexuado impossível de esconder e que se faz acompanhar pelo aumento do impulso sexual,

promove o despertar da curiosidade do adolescente pela sua sexualidade, dos seus pares e dos adultos (Figueiredo, Fleming & Constança, 1983).

Os adolescentes do mesmo sexo passam a ter um papel de referência, ou seja, as diferenças individuais de desenvolvimento corporal e sexual são experienciadas nas relações com os amigos, como sinal de superioridade ou de inferioridade, modelo que se pretende ser ou modelo que não se é mas que se procura no Outro (Figueiredo, Fleming & Constança, 1983).

De acordo com os autores, as características sexuais de cada adolescente, exibidas ou disfarçadas, inscrevem-se num processo de procura de beleza e atracção física moldado pelas expectativas culturais a que esses adolescentes estão submetidos. Assim, as mudanças corporais podem ser experienciadas como objecto de satisfação ou desespero, superioridade ou inferioridade, prazer ou culpa.

Neste sentido, as modificações corporais que surgem na puberdade originam uma fragilização do Eu, sensações de descontinuidade e de desequilíbrio em relação ao corpo. O adolescente vê-se obrigado a mobilizar estratégias para reelaborar representações e investimentos do passado, para fazer face aos novos desafios dados pela maturação (Marques, 1999).

Laufer, M. (1995/2000) refere que sendo a vida psicológica um processo contínuo, constituída por vários períodos, em que cada período possui características próprias que contribuem para o desenvolvimento psicológico, é com a maturação do corpo sexual na adolescência que será estabelecida uma identidade sexual fixa e específica. O autor considera a maturação do corpo sexual e a formação do Ideal do Eu como as principais características do processo adolescente.

Segundo Laufer, M. (1968, cit. por Marques, 1999) a adolescência é um processo em que há múltiplas perdas e lutos, obrigando o adolescente a desvincular-se dos objectos infantis para que possa investir em novos objectos. Durante este processo, dá-se a formação do Ideal do Eu num esforço para restabelecer o equilíbrio narcísico.

O Ideal do Eu vai ajudar a modificar as relações internas com os objectos infantis, a controlar a regressão do Eu e a adaptação social. O Ideal do Eu vai se apoiar no exterior, no grupo de pares, como base de identificação e de gratificação narcísica. No entanto, segundo o autor, este movimento para o exterior pode provocar um conflito intrapsíquico no adolescente, o Eu tem de decidir entre os objectos parentais e o seu grupo de pares. O adolescente, através dos

comportamentos de identificação com o grupo de pares, vai evidenciar a libertação dos vínculos objectais infantis ou, por outro lado, a luta contra as exigências do Supereu devido à manutenção dos vínculos com os objectos parentais. Este conflito por vezes é resolvido com a formação de um pseudo-Ideal do Eu, resultado de um conformismo adaptativo aparente junto do grupo de pares e às exigências parentais, mantendo assim intactos os vínculos com os objectos parentais (Laufer, M., 1980, cit. por Marcelli & Braconnier, 2005)

O adolescente é confrontado com mudanças ao nível da maturação do corpo sexual, influenciando os seus comportamentos, pensamentos, desejos, medos e esperanças. Os modos iniciais de encontrar prazer e de se sentir cuidado e amado são motivo de tensão, devido à presença de um corpo sexual maduro. Ao nível do relacionamento com os pais o adolescente deixa de ser dependente, ou seja, passa a ser capaz de se separar emocionalmente dos pais e sentir que os seus pensamentos e sentimentos são realmente seus. Dá-se uma mudança da imagem de um Eu infantil ao cuidado dos pais para um Eu adulto autónomo e independente (Laufer, M., 1995/2000).

Neste sentido, Laufer considera a adolescência como um período de separação face ao parental e ao infantil, gerador de tensões que promovem sentimentos de estranheza e confusão, que podem levar ao colapso psicológico. Atribui à maturação do corpo sexual a principal origem dos sentimentos de anormalidade ou de inutilidade, que conduz ao colapso dos modos de vida anteriores.

Blos (1979/1996), também menciona que a adolescência implica o desprender da dependência familiar e a perda de laços com objectos infantis internalizados, levando-o a considerar a adolescência como um segundo processo de individuação. Para o autor, a individuação do adolescente é alcançada devido às mudanças estruturais inerentes ao afastamento emocional de objectos infantis internalizados. Este afastamento emocional de objectos internalizados possibilita a descoberta de objectos externos e extrafamiliares. Se este afastamento não for bem-sucedido a descoberta de novos objectos extrafamiliares é impedida ou permanece restrita à simples reprodução e substituição.

Blos (1979/1996) descreve as mudanças internas que acompanham a individuação, como uma reestruturação psíquica na qual a perda da representação objectal dos pais no Eu origina instabilidade e sensações de insuficiência e de estranheza. Antes da adolescência, o Eu parental

esteve disponível para a criança como uma autêntica extensão do Eu, ajudando a criança no controle da ansiedade e na regulação da auto-estima. Na adolescência, o Eu fica fragilizado devido à intensificação dos impulsos e ao facto de o adolescente não ter o apoio do Eu parental, obrigando o adolescente a mobilizar defesas adaptativas ou mal adaptativas, no esforço de proteger a integridade da organização do Eu até alcançar o reequilíbrio psíquico.

De acordo com o autor, só no fim da adolescência é que as representações do Eu e do objecto adquirem estabilidade e limites bem determinados, isto é, tornam-se resistentes às influências externas. O Supereu perde no processo um pouco da sua rigidez e poder, e em simultâneo, o Ideal do Eu adquire proeminência e uma influência mais generalizada, permitindo que a manutenção do equilíbrio narcísico seja bem internalizada. E assim, as mudanças estruturais tornam a constância da auto-estima e do humor cada vez mais independente de fontes externas.

O processo de afastamento emocional de objectos internos é fundamental para o desenvolvimento progressivo e vem renovar o contacto do Eu com as posições pulsionais e do Eu infantis. Os adolescentes que evitam a transformação da estrutura psíquica, são adolescentes que evidenciam distúrbios ao nível do Eu e que apresentam sinais sintomáticos de crise ou falha no afastamento emocional de objectos internos. Estes sinais, tais como, o acting-out, dificuldades de aprendizagem, mau humor e negativismo, representam a desorganização experienciada no processo de individuação (Blos, 1979/1996).

Para Blos (1979/1996), a tarefa da reestruturação psíquica pela regressão caracteriza o trabalho psíquico da adolescência. Através da regressão na adolescência, os resíduos do trauma infantil, conflito e fixação, podem ser alterados, devido à existência de recursos obtidos pela maturação do Eu. A parte do Eu auto-observadora e ligada à realidade é mantida intacta durante os movimentos regressivos, permitindo, assim, regular a regressão e evitar o retorno para um estágio indiferenciado.

Neste sentido, o autor refere que a regressão normativa do adolescente opera ao serviço do desenvolvimento. É uma regressão que não é de natureza defensiva, mas no entanto, pode provocar mais ansiedade do que aquela prevista. Esta regressão normativa não é por si só uma defesa, constitui um processo psíquico fundamental que, apesar da ansiedade que produz, deve ocorrer.

Já foi referido anteriormente que, antes da adolescência, o Eu parental está disponível para ajudar no controlo da ansiedade da criança e ao entrar na adolescência essa dinâmica é cessada. Então, o Eu fica exposto à integridade ou à imperfeição da organização inicial do Eu, consequência da passagem pela primeira fase de separação-individuação - período em que a criança, no segundo e terceiros anos de vida, adquire a capacidade de se separar do objecto, nomeadamente a mãe, isto é, através do processo de internalização conseguiu deixar de ser dependente da presença da mãe, dos seus auxílios e apoio emocional como forma de alcançar a homeostase (Blos, 1979/1996).

De acordo com o autor, a regressão normativa do adolescente, numa estrutura de Eu imperfeita, submerge o Eu regredido à sua condição anormal inicial, ou seja, coloca o Eu numa fase indiferenciada e, conseqüentemente, num impasse desenvolvimental. Esta imperfeição inicial do Eu, que muitas vezes só se torna evidente na adolescência, altura em que a regressão serve ao desenvolvimento progressivo, revela se é possível alcançar a segunda individuação ou se existe um impasse no amadurecimento do impulso e do Eu. A experiência subjectiva do adolescente espelha o que é definido como perda e enfraquecimento do Eu. A perda do Eu permanece durante toda a adolescência como uma constante ameaça à integridade psicológica e dá origem a formas de comportamento desajustadas da realidade, como esforços para garantir a continuidade do processo adolescente.

Blos (1979/1996) refere que os comportamentos e fantasias de agressão são típicos na adolescência, o impulso agressivo adolescente afecta o equilíbrio pulsional e obriga a mobilizar estratégias adaptativas. As relações objectais infantis, ao serem revividas na adolescência, surgem na sua forma original, ou seja, num estado ambivalente. A instabilidade emocional das relações e a exposição do Eu a um estado ambivalente, geralmente, conduz o adolescente a um estado de labilidade ao nível do afecto, impulso, pensamento e comportamento. Na adolescência um estado de ambivalência confronta o Eu, é sentida como intolerável devido ao amadurecimento do Eu, pelo menos temporariamente e o Eu é incapaz de lidar com ela de forma construtiva. Assim, o comportamento agressivo, o negativismo, oposicionismo ou indiferença, podem ser vistos como sinais de que um estado ambivalente invadiu a personalidade.

De acordo com o autor, a retirada emocional e psíquica do adolescente ou a sua oposição a um mundo de dependências infantis, leva o adolescente a procurar de forma transitória o apoio emocional e protecção junto dos amigos. Assim, podem-se observar identificações com

conotação imitativa ou de restituição, manifestadas através da postura, do andar, gestos, vestuário, fala, opiniões, sistemas de valores, etc. A partir dessas relações sociais o adolescente vai descobrir um projecto de vida, a capacidade para relações objectais adultas e uma projecção realista do Eu. Então, pode-se afirmar que a consolidação da personalidade já foi alcançada, “que um novo passo foi dado em direcção à internalização, que consistências e uniformidades internas se estabilizaram, que o comportamento e as atitudes adquiriram um conteúdo, crédito e harmonia quase previsíveis” (cit. por Blos, 1979/1996, p.122).

Em suma, Blos considera a adolescência como um segundo processo de individuação, que implica o fim da dependência familiar e obriga a uma reestruturação psíquica, promovido pela maturação do corpo sexuado. É um período que induz sentimentos de confusão, instabilidade e estranheza, em que através de movimentos regressivos se consegue o desenvolvimento progressivo. No final da adolescência o Ideal do Eu adquire proeminência e as representações do Eu e do objecto adquirem estabilidade e limites bem determinados.

Segundo Blos (1979/1996) no final da adolescência a formação do carácter encontra-se estabelecida, ou seja, quando o adolescente, perante estímulos internos e externos, for capaz de controlar a labilidade emocional e garantir a estabilidade da identidade do Eu. Para que a formação do carácter seja estabelecida, o autor refere quatro pré-condições: o segundo processo de individuação; a elaboração do trauma residual; a maturação do Eu; o estabelecimento da identidade sexual.

Segundo a teoria psicossocial do desenvolvimento de Erikson (1968, cit. por Fleming, 2005), a personalidade desenvolve-se numa sequência de estádios, onde em cada um deles emerge uma crise ou um conflito dominante. A resolução desse conflito permite avançar, com maior ou menor maturidade, para as tarefas desenvolvimentais do estádio seguinte.

Para Erikson (1968, cit. por Marcelli & Braconnier, 2005) a adolescência, uma das fases do desenvolvimento psicossocial, é caracterizada pela crise de identidade. É uma crise inevitável, devido ao facto de ser experienciada num período de vida onde surgem alterações corporais significativas, onde a maturação genital submerge o corpo e a imaginação com novos impulsos, onde é imposta a intimidade com o sexo oposto, onde o adolescente é confrontado com novas possibilidades e escolhas conflituais.

Esta crise de identidade, espelha o sentimento de descontinuidade e desintegração da identidade interior, resultado da maturação sexual, obrigando o adolescente a procurar um novo sentido de continuidade e de unidade.

As manifestações desta crise de identidade na adolescência, dependem das várias experiências que o adolescente teve no passado, estas determinam a capacidade do adolescente para lidar com as tensões provocadas pelo movimento regressivo da crise, e por outro lado, dependem do contexto cultural em que o adolescente está inserido (Erikson, 1968, cit. por Marcelli & Braconnier, 2005).

Segundo Erikson (1968, cit. por Marques, 1999) o processo adolescente funda-se na confiança em si e nos outros, e no querer livre, mesmo com a possibilidade de insucesso. O adolescente ao ser afirmado pelos pares, confirmado pelos pais e inspirado por modos de vida benéficos, vai construindo um sentimento de identidade, isto é, um sentimento subjectivo de unidade pessoal e de continuidade temporal.

Em suma, para Erikson, a adolescência é caracterizada por uma crise de identidade, promovida pela maturação sexual, resolvida por um processo de construção de identidade, que resulta da integração das experiências do passado com novos aspectos corporais, psicológicos e psicossociais, culminando na aquisição da identidade do Eu.

Jeammet (1980, cit. por Marques, 1999), centra o processo adolescente no aparecimento da puberdade, na problemática edipiana e na separação dos pais, em que a alteração dos investimentos das imagos internas vai reactivar a angústia de castração e a incompletude narcísica, originando um apego à realidade externa como forma de protecção e de evitamento da realidade interna, que é vivida como traumática pelas falhas de identidade e do Eu.

Esta falha de identidade traduz a fragilidade dos suportes narcísicos. Uma fragilidade narcísica, resultante de falhas na pequena infância, quer por falta devido a rupturas e separações, quer por excesso com relações de tipo simbiótico, que não permite a formação do Eu com limites sólidos e torna-o dependente dos objectos de apoio (Jeammet, 1994, cit. por Marcelli & Braconnier, 2005).

Assim, para Jeammet (1991, cit. por Marques, 1999), o meio e a relação com o objecto externo são muito importantes durante o processo adolescente. Refere que devido à fragilidade do Eu, a relação com o objecto externo é uma relação caracterizada por movimentos de

aproximação/afastamento, em que o objecto é mantido próximo e ao mesmo tempo à distancia, desempenhando uma função narcisante. A realidade externa ao mostrar-se mais segura e mais controlável do que a interna, possibilita a organização da realidade interna e a protecção do Eu em risco de submersão.

A partir da noção espaço psíquico alargado, constata-se a importância do objecto externo e do meio como garante do objecto interno. É no espaço psíquico alargado que o mundo interno e as imagens se vão apoiar, organizar e diferenciar (Jeammet, 1980, cit. por Marques, 1999).

Fleming (2005), por sua vez, considera a adolescência como um processo de conquista de autonomia e identidade, que implica a separação de objectos internalizados e a procura activa de novos objectos externos à família. É um processo com relevância ao nível dos aspectos relacionais, devido à permanente troca com o Outro durante o processo maturativo.

A autora, propõe um modelo de desenvolvimento psicológico como o resultado da interacção dinâmica entre dois processos de desenvolvimento, o processo de vinculação e o processo de separação-indivuação. O adolescente a partir do estabelecimento de laços afectivos com os pais, e assegurada a segurança e a protecção, consegue separar-se dos objectos internalizados e construir a sua própria identidade. Neste sentido, o adolescente para se poder separar e individualizar, precisa de se sentir ligado aos pais através de um sistema vincutivo seguro. Sem o estabelecimento de laços seguros com os pais, quer porque o sistema familiar não se adapta ou resiste às mudanças do desenvolvimento, quer porque teme a perda do amor dos pais ao separar-se deles, pode dar-se um impasse ou a paragem do processo de conquista de autonomia e construção de identidade.

O processo de autonomia durante a adolescência é considerado como uma tarefa fundamental no desenvolvimento psicológico. O evoluir progressivo desse processo, ao nível emocional, comportamental e de valores, permite ao adolescente assegurar a sua identidade e afirmar a sua diferença face aos outros. A construção da identidade é então facilitada por uma maior autonomia e quanto mais avançado estiver o processo de individuação maior será a autonomia. Assim, os processos de autonomia, individuação e formação de identidade estão interligados, influenciam-se mutuamente e constituem os principais elementos psicológicos durante a adolescência (Fleming, 2005).

Segundo Fleming (2005), durante a adolescência sente-se uma tensão provocada pelo desejo regressivo de voltar à infância e o desejo/medo progressivo de crescer. A vivência da puberdade provoca sentimentos de estranheza e despersonalização, insegurança em si próprio e nos afectos que os outros sentem por si. Estes sentimentos de fragilidade e de impotência conduzem a comportamentos de acting out.

Este percurso decorrido de um estado de imaturidade, vulnerabilidade e dependência para um estado de autonomia, implica aprendizagens em permanência, em particular a capacidade de amar e de estabelecer e conservar laços afectivos, elemento indispensável para o equilíbrio psicológico. O adolescente ao deparar-se com estruturas de inserção pouco sólidas, incapazes de tolerar e conter as modificações típicas do processo maturativo, pode ficar num impasse desenvolvimental que se pode manifestar através da doença psíquica ou dando a ilusão de que é autónomo (Fleming, 2005).

Em suma, a autora considera a adolescência como um processo de conquista de autonomia e identidade, pela interacção dinâmica entre o processo de vinculação e o processo de separação-individação, desenvolvida numa dimensão relacional entre o Eu e o Outro.

Amaral Dias (1988, cit. por Marques, 1999) considera a adolescência como uma psicose normal, devido aos movimentos regressivos que ocorrem durante esse período, movimentos regressivos que se fazem acompanhar por movimentos progressivos.

Para o autor, na adolescência ocorrem importantes alterações ao nível do Eu e das relações entre os objectos internos e externos. Perante as mudanças corporais, o processo de separação e a perda do Eu parental, surgem movimentos regressivos semelhantes aos que ocorrem na psicose, no entanto são esses movimentos regressivos que possibilitam a exploração de novos objectos, através de processos que vão da clivagem para a integração.

Segundo Amaral Dias e Nunes Vicente (1984, cit. por Marques, 1999), a perda de objectos na adolescência leva a reacções de luto, isto é, a regressões transitórias de tipo narcísico. Os autores mencionam cinco lutos a realizar durante a adolescência: luto da fonte de segurança, luto renovado do objecto edipiano, luto do Ideal do Eu, luto pela bissexualidade e luto pelo grupo. Referem que o mais importante no processo adolescente são as novas identificações e as novas escolhas de objecto, que resultam da elaboração intrapsíquica de vários lutos.

A adolescência é um período que obriga a estabelecer novas diferenciações entre o Eu e o Outro, originando a falta de segurança e a confusão com o objecto, o que leva o adolescente a mobilizar o uso excessivo da identificação projectiva, como forma de se vincular ao meio (Amaral Dias, 1988, cit. por Marques, 1999).

Esta indiferenciação e confusão dos limites interno/externo é experienciada com um aumento de angústia e com o aparecimento de defesas mais arcaicas, principalmente as defesas maníacas, negação e inversão, impulsionadoras do desenvolvimento (Amaral Dias, 1988, cit. por Marques, 1999).

Pode-se constatar que Amaral Dias considera a adolescência como um período onde ocorrem vários lutos, em que a elaboração intrapsíquica desses lutos, através de movimentos regressivos e com recurso a defesas mais arcaicas, potencia o desenvolvimento.

Para Marques (1999) a adolescência é um período de transição e de transformações, gerador de tensão interna e externa, objectal e relacional, que obriga a novos processos de ligação, transformação e simbolização.

É um período caracterizado pela desestabilização, a desorganização e a regressão, que impõe a reorganização, a progressão e a construção, a partir do experienciar obrigatório das possibilidades intelectuais, físicas, sociais e psicológicas. É um processo de transformação e reconstrução do antigo, em que as experiências do passado são mobilizadas para possibilitar a recriação de novos objectos impostos pela maturação.

Assim, a autora considera a adolescência como “um novo espaço e tempo psíquicos de recriação, como um novo espaço e tempo de organização, como uma ponte que liga, recriando, o infantil ao adulto” (cit. por Marques, 1999, p.265).

Segundo Marques (1999), a vivência deste período de desenvolvimento é marcada por dúvidas, hesitações e a necessidade de conter, elaborar e integrar as contradições, na relação com o próprio e com os outros, tendo em conta o desejo de crescer, de conquistar e de conhecer. Desta forma o adolescente vai construir um projecto de adulto, que se vai concretizar através das relações e dos confrontos consigo e com os outros, que conduzirá à criação de um espaço psíquico singular e bem delimitado. No entanto, durante esta construção o adolescente não está livre de conflito, sofrimento e dor mental, essencial para se realizar transformação, construção e criação.

Durante a adolescência ocorrem mudanças impostas pela maturação social, física, intelectual e psicológica. Estas mudanças são geradoras de tensões internas e externas que promovem sentimentos de estranheza e confusão, que induzem vivências de descontinuidade e desarmonia (Marques, 1999).

De acordo com a autora, estas vivências são “impostas por um novo corpo, novas sensações, novas percepções, representações e investimentos dos mundos interno e externo, novas relações entre dentro/fora, sujeito/objecto, bom/mau, estranho/familiar, feminino/masculino e são fundadas em novos impulsos, novos desejos, novas curiosidades e novos saberes” (cit. por Marques, 1999, p.279).

Marques (1991), através de um estudo realizado com dois grupos de adolescentes, constatou que a adolescência se apresenta por duas expressões diferentes: a puberdade e a adolescência propriamente dita.

Nesse estudo, pôde constatar que na puberdade os adolescentes expressam: maior intensidade da tensão pulsional; maior preocupação em assegurar uma identidade bem delimitada; procura activa e intensa de uma identificação sexual estável; uma grande reactividade ao mundo externo; uma maior oscilação entre a expressão pulsional objectal e não objectal, com o predomínio de uma agressividade, onde o agredir e ser agredido se expressam mutuamente. Em relação à adolescência propriamente dita, constatou: uma diminuição da tensão pulsional; pouca necessidade de investimento nos limites; maior adequação e conformidade à realidade objectiva; menor expressão de tensões internas; predomínio da agressividade, mas já é mais mentalizada apesar de ainda não aparecer inscrita no relacional; diminuição da necessidade de representação directa de si, mas no entanto, aparecem preocupações centradas sobre o corpo.

Assim, para Marques (1999) a puberdade é caracterizada pelas transformações corporais que estabelecem o acesso à genitalidade, vivida com problemas centrados à volta do corpo e onde se colocam as questões ligadas à identidade subjectiva, à delimitação, à separação e à diferenciação.

A adolescência propriamente dita, com o reconhecimento do novo corpo, os principais problemas colocam-se ao nível do Outro, ao nível da possibilidade de perceber e representar o sexo oposto, no desejo e na necessidade de afirmar e experienciar esse novo corpo. O Outro, do mesmo sexo e do sexo oposto, extrafamiliar, passa a ser objecto de investimento, mas também

objecto que investe o adolescente, a partir de um jogo de espelhos e de reflexos recíprocos, que permite a construção da identificação e manter o sentimento de integridade (Marques, 1999).

Neste sentido, segundo a autora, as transformações que ocorrem durante a adolescência obrigam a uma modulação e reorganização do passado, forçam o abandono de gratificações e vínculos antigos, caracterizando a adolescência como um período de descontinuidade e de mudança catastrófica. Estas transformações são elaboradas através da relação, comunicação e ligação entre sujeito e objecto, entre o objecto interno e o externo, entre o passado e o presente, evidenciando uma actividade de pensar que possibilita a criação de símbolos e de novos objectos.

A mudança catastrófica, inerente ao processo adolescente, vai permitir que os processos do desenvolvimento conduzam “ao estabelecimento de uma «barreira de contacto» entre os objectos e entre o inconsciente e o consciente (Bion, 1962/1979); entre o dentro e o fora e entre o consciente, o pré-consciente e o inconsciente (Green, 1982), ou, segundo a explicitação de Anzieu (1985), entre o inconsciente e o consciente, entre a memória e a percepção e entre a quantidade e a qualidade” (cit. por Marques, 1999, p.279).

Segundo a autora, esta “barreira de contacto”, esta actividade de ligação, de comunicação e de ajustamento à realidade – interna e externa – vai permitir a criação de novas realidades, a realização de novas experiências, que conduzem a novas relações “continente-conteúdo” e a novas significações.

“São as mudanças, as transformações, os novos objectos e objectivos envolvidos/inerentes ao processo adolescente, que arrastam e impõem uma acção renovada e renovadora da “barreira de contacto”. Actuando e transformando(-se), a barreira de contacto, funcionando entre o interior e o exterior, o sujeito e o objecto, o inconsciente e o consciente, (...) dá origem e cria novos objectos – internos e externos. São, então, (re)criados os objectos e o sujeito, com novas qualidades e atributos, como produto/produtores das mudanças e das transformações.”

(cit. por Marques, 1999, p. 280)

Então, pode-se considerar a adolescência como “um processo que se desenrola num tempo e num espaço psíquico e social determinados, que exige um trabalho psíquico de formação, construção e de consolidação de novas estruturas, de novos objectos e objectivos, que deverão ser fundados sobre os antigos (...) e saldar-se-á pela conclusão dos processos identificatórios.” (cit. por Marques, 1999, p.288).

É um processo de reconstrução e recriação, experienciado de forma dolorosa, pelo facto de promover sentimentos de descontinuidade ao nível do equilíbrio interno/externo. Em que se exige um trabalho de consolidação da identidade subjectiva, fragilizada pelas transformações corporais e as consequentes novas potencialidades dadas pela maturação. Consequentemente, o adolescente vai viver entre o desejo de ser alguém e a vivência dolorosa de se estar a transformar, originando variações entre posições exageradas de afirmação e posições marcadas pela passividade, pelo retraimento, pela regressão, espelhando a relativa confusão entre Eu e o Outro, correndo o risco de perda de coesão interna e dificuldade de ligação entre interno e externo.

Na sequência do que foi referido anteriormente pode-se considerar a adolescência como o período de desenvolvimento que caracteriza a transição da infância para a vida adulta, onde ocorrem mudanças ao nível corporal, intelectual e relacional. Estas mudanças são geradoras de tensões internas e externas, que promovem sentimentos de confusão e induzem vivências de descontinuidade, obrigando o adolescente a mobilizar estratégias para integrar as experiências do passado com as novas potencialidades dadas pela maturação.

É um período que pode ser caracterizado pela maturação sexual, pela separação face ao parental e ao infantil, pelo fim da dependência familiar e a consequente aquisição de autonomia, pela formação do Ideal do Eu e pelo estabelecimento de uma identidade estável com limites bem determinados.

A adolescência exige um trabalho psíquico de formação, construção e de consolidação de novas estruturas e novos objectos, sendo experienciada de forma dolorosa, devido aos sentimentos de confusão e instabilidade que promove ao nível do equilíbrio interno/externo. É através da relação com o Outro e de movimentos regressivos que o adolescente consegue o desenvolvimento progressivo.

Nestes momentos regressivos, quando não está estabelecida a diferenciação entre o Eu e os objectos, o adolescente recorre ao mecanismo de identificação projectiva, à fantasia onipotente de que as partes indesejadas do Eu podem ser dissociadas, projectadas e controladas no objecto (Klein, 1952, cit. por Grinberg, 2001).

O adolescente vai dissociar e projectar partes do Eu no objecto, na expectativa de as reaver sob uma forma menos angustiante. Tal como na fase inicial do desenvolvimento, em que os pensamentos são impressões sensoriais e experiências emocionais resultantes da experiência

concreta de uma coisa-em-si-mesma, onde o sujeito recorre à identificação projectiva para se libertar do excesso de estímulos que o angustiam (Bion, 1967, cit. por Grinberg, 2001).

A capacidade de *rêverie* do objecto, ou seja, a capacidade de receber, conter e modificar as projecções, vai permitir ao sujeito atenuar as suas angústias e desenvolver a capacidade para pensar os pensamentos, ao internalizar as projecções transformadas pelo objecto (Bion, 1967, cit. por Grinberg, 2001).

Na impossibilidade de desenvolver a capacidade para pensar os pensamentos, a capacidade de simbolizar, distinguir a palavra da coisa-em-si-mesma, o sujeito utilizará a identificação projectiva para descarregar as suas ansiedades perante situações de frustração e dor (Bion, 1967, cit. por Grinberg, 2001).

Se a qualidade das relações precoces não for adequada, ou seja, por exemplo, se o objecto precoce recusar receber ou for incapaz de transformar as partes do Eu com conteúdos angustiantes ou se projectar no sujeito as suas próprias identificações projectivas, vai inibir a utilização normal da identificação projectiva e promover a sua excessiva utilização nas relações objectais futuras (Klein, 1955, cit. por Grinberg, 2001).

Segundo Matos (2005), o uso excessivo da identificação projectiva vai bloquear o funcionamento mental, impedindo o adolescente de continuar a pensar e leva-o a acções e não a decisões. É através da acção não pensada que o adolescente vai aliviar a sua ansiedade, o seu sofrimento psíquico.

O adolescente vê-se incapacitado de utilizar a simbolização para exprimir ou representar os objectos, quer se trate do pensamento simbólico ou da criação de novos símbolos. Esta incapacidade verifica-se quando o adolescente substitui o objecto pela sua representação. Para que a representação seja afectiva, o objecto deve ter um significado próprio e específico para o adolescente, capacitando o adolescente a criar novos símbolos e cada vez mais complexos e evoluídos (Matos, 2005).

As dificuldades sentidas ao nível da representação mental dos objectos conduz o adolescente a um excessivo apego à realidade, ao concreto e à interactividade, como forma de substituir essa representação pelo objecto concreto, aliviando assim os seus sentimentos. O adolescente sempre que sentir o risco da perda representacional e impossibilitado de criar uma representação transformada que simbolize o objecto, recorre aos objectos externos, à percepção e ao que significam, para suprimir a ausência da representação do objecto (Matos, 2005).

De acordo com o autor, a perda da representação do objecto é mais angustiante do que a perda do objecto, na medida em que a perda da representação do objecto reenvia à perda do Eu.

A representação é então o resultado da evolução da experiência com o objecto externo e do tipo de investimento afectivo, ou seja, dependerá de uma responsividade adequada e oportuna do objecto. A representação da relação com o objecto precoce é internalizada e determina a criação da representação das relações a partir das vicissitudes relacionais e da responsividade objectal (Matos, 2005).

Ao considerar-se a construção representacional na dependência das relações, considera-se as representações primitivas como resultado da representação existente na mente do objecto e que influencia a representação criada pelo sujeito acerca de si mesmo (Matos, 2005).

Neste sentido, o objecto externo e o meio envolvente são o protector do objecto interno, principalmente no período da adolescência, período de construção da identidade em que ocorre uma separação dos objectos internalizados e se dá a procura activa de novos objectos que garantam a representação do objecto interno.

A procura do objecto surge devido à expectativa criada pelo adolescente, que a partir das relações objectais se obtém a transformação das representações internalizadas.

Segundo Bollas (1989, cit. por Matos, 2005), a mãe apresenta as primeiras experiências subjectivas e ao transformar o meio interior e exterior da criança é vivida como processo de transformação antes de ser percebida como objecto. Neste sentido, a experiência do objecto precoce como processo de transformação promove a procura do objecto pela sua função transformadora, pela expectativa de transformação.

Esta representação prévia do *objecto transformacional* é essencial para o processo de transformação. É através do *momento estético* que o sujeito sente que uma relação subjectiva e intensa o liga ao objecto transformador, este por sua vez vai reactivar as experiências objectais precoces, experiências pré-verbais resultantes da experiência afectiva intensa, ou seja, as experiências transformacionais do Eu e actuar sobre elas (Bollas, 1989, cit. por Matos, 2005).

Então, neste período da adolescência em que ocorrem mudanças ao nível corporal, intelectual e relacional, o adolescente vê-se obrigado a transformar as experiências do passado para possibilitar a criação de novos objectos impostos pela maturação.

Estas transformações realizam-se através da relação, comunicação e ligação entre sujeito e objecto, entre o passado e o presente, potenciadas pela capacidade de pensar que permite a criação de símbolos e de novos objectos.

O adolescente vive entre o desejo de ser alguém e a dolorosa experiência de se estar a transformar, evidenciando o risco da perda de coesão interna e dificuldades de ligação à realidade interna e externa.

A adolescência é, então, um período de transição e de transformações, gerador de tensão interna e externa, objectal e relacional, que impõe novos processos de ligação, transformação e simbolização.

2. O SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA

Na literatura encontram-se diversos tipos de estudos sobre o suicídio, no presente estudo, a questão do suicídio é abordada tendo por base algumas teorias psicológicas, que consideram o suicídio como o resultado de uma dor mental provocada por um conflito interno do sujeito.

Segundo Fleming (2003), a dor mental provoca sentimentos de estranheza, põe em causa o sentimento de identidade, provoca alterações na relação do sujeito consigo próprio e também na sua relação com o mundo.

Freud (1917, cit. por Fleming, 2003) mencionou que a dor é uma reacção à perda do objecto amado. O sujeito fica em sofrimento devido à dificuldade em desinvestir o objecto perdido ou quando dirige para si próprio o ódio pelo objecto perdido.

O sujeito quando tem capacidade para tolerar a dor, consegue modificar a realidade frustradora, mas quando é incapaz de lidar com a dor, torna-se intolerante à frustração e mobiliza defesas para fugir à frustração e à dor (Freud, 1911, cit. por Fleming, 2003).

Para Klein (1946, cit. por Fleming, 2003) a dor sentida pelo sujeito e a existência do mau objecto, são negados pelo sujeito, através de um mecanismo de negação onipotente. Esta negação da realidade psíquica e da relação objectal conduz ao aniquilamento da mente.

A ansiedade e a culpa, resultantes do ataque dirigido ao objecto através do impulsos destrutivos, podem ser de tal modo intoleráveis que o sujeito cliva e redirecciona os impulsos destrutivos do objecto contra o próprio Eu, representando assim uma forma inconsciente de aniquilamento de uma parte da personalidade (Klein, 1946, cit. por Fleming, 2003).

Segundo Klein (1948, cit. por Fleming, 2003), o grau de integração do Eu determina a maior ou menor capacidade de o sujeito tolerar a dor. Um grau de integração suficientemente sólido permite que a realidade psíquica muito dolorosa seja enfrentada e o sofrimento tolerado, caso contrário, o sujeito mobiliza a negação maníaca como mecanismo de defesa para tolerar a dor.

A dor quando não tem sentido é intolerável e a própria vida torna-se intolerável, anula o sentido da vida. O desamparo, o desespero apropriam-se do sujeito que se sente ferido na sua auto-estima, na sua dignidade, sem defesa e abandonado perante o sofrimento (Fleming, 2003).

Fleming (2003) refere que, por vezes, a dor mental apresenta-se como dominadora e cruel, impondo uma lógica tirânica, para a qual o sujeito só encontra uma resposta onnipotente, *prefere morrer do que continuar a sofrer*.

Neste sentido, vários autores consideram o suicídio como um acto desesperado para acabar com um sofrimento psíquico insuportável.

Segundo Litman (1966, cit. por Grinberg, 2000), o suicídio representa um sintoma doloroso e uma consequência da tendência autodestrutiva existente, em certo grau, em todos os indivíduos. Refere que todos os indivíduos são vulneráveis ao suicídio, na medida em que, em todos eles se observa: uma pulsão de morte, um instinto agressivo dirigido para dentro; uma clivagem do Eu resultado do desamparo durante a infância; e instituições grupais que exigem uma culpabilização por parte de cada membro do grupo.

De acordo com o autor, o acto suicida, geralmente, não acontece de forma repentina, impulsiva, imprevisível ou momentânea. Constatam-se em maior número os suicídios em que existe um plano suicida, gradualmente desenvolvido e calculado na fantasia em todos os pormenores como acção preliminar (Litman, 1966, cit. por Grinberg, 2000).

Os suicidas são indivíduos que se encontram sob stress, sentem-se tensos, angustiados e incapazes de encontrarem soluções. Tentam lutar contra a ideação suicida e esforçam-se para encontrarem outras soluções, todavia, perante a aparente ausência de soluções vão perdendo paulatinamente a esperança e voltam-se repentinamente para o pensamento suicida que, pouco a pouco, se transforma numa obsessão (Litman, 1966, cit. por Grinberg, 2000).

Furst e Ostow (1979, cit.s por Sampaio, 1991) também estudaram o suicídio, eles descreveram os mecanismos psíquicos que podem levar ao suicídio:

- a) em situações de intenso sofrimento, o sujeito tenta libertar-se daquilo que pensa estar na origem da sua dor. No caso de o objecto real não poder ser destruído, a experiência da dor pode ser deslocada para o órgão de percepção ou para o próprio self, originando a autodestruição como equivalente à destruição do objecto;
- b) o suicídio surge como uma forma de acabar com a dor mental intolerável;
- c) a autodestruição pode surgir como um meio para se conseguir a resposta desejada daquele que se ama;

- d) o suicídio pode surgir como forma de vingança, perante um objecto de amor não gratificante;
- e) o suicídio pode ser a manifestação de um instinto de morte muito poderoso, de um desejo irresistível para a autodestruição.

Segundo Shneidman (1979, cit. por Sampaio, 1991), existem três características psicológicas gerais no suicídio:

- 1) a crise suicidária aguda, período de alta letalidade que em regra dura horas ou dias;
- 2) a ambivalência que está presente em todo o acto suicida, com maior ou menor intensidade, todos os que tentam o suicídio querem e não querem morrer;
- 3) a maioria dos suicídios contém essencialmente um aspecto relacional, transformando o acto autodestrutivo num comportamento e numa comunicação.

Vários autores mencionam, ainda, a presença de fantasias inconscientes que conduzem o sujeito ao suicídio, por exemplo Grinberg (2000), refere as seguintes:

- a) desejo de fugir ou de dormir;
- b) culpabilização que determina a necessidade de autocastigo;
- c) desejo de vingança e de exercer o controlo para além da morte;
- d) desejo erótico de submissão masoquista apaixonado, podendo levar ao êxtase, como forma de reencontro com a pessoa amada falecida;
- e) desejo de recomeçar de novo, renascimento, reabilitação, o começar a viver de novo.

Para Grinberg (2000), o suicídio ocorre devido ao mau funcionamento de uma função do Eu, nomeadamente a de orientação no mundo exterior e no controlo dos impulsos perigosos, originado um sentimento de desespero que anula as restantes capacidades do Eu.

Segundo o autor, entre os factores que estimulam o aparecimento da fraqueza das defesas do Eu e as tendências pulsionais destrutivas que tinham sido recalcadas, estão: a perda de objectos amados, principalmente nas relações simbióticas; uma falha narcísica do Eu originada por um sentimento de fracasso ou pela acção de substâncias tóxicas; a deterioração das defesas do

Eu devido ao consumo de álcool ou de barbitúricos; a mistura de sentimentos avassaladores de raiva, culpa e angústia; a dissociação extrema do Eu e uma atitude suicida baseada na identificação com alguém que se suicidou no passado.

Em relação aos acontecimentos que desencadeiam ou precipitam a tentativa de suicídio, refere que são todos aqueles que estão relacionados com as experiências de perda, por exemplo: a perda de uma pessoa amada, por falecimento, divórcio ou separação; a perda do emprego, de dinheiro, prestígio ou de estatuto; a perda de saúde devido a doença, cirurgia ou acidente; etc.

Segundo Grinberg (2000), a tentativa de suicídio é muitas vezes constituída como um método desesperado para manifestar sentimentos de desespero e desamparo, perante a incapacidade para resolver um problema e a ausência de compreensão e ajuda dos outros. Assim, a tentativa de suicídio pode representar um modo desesperado de o sujeito chamar atenção e conquistar a ajuda que necessita.

No entanto, Grinberg (2000) considera o suicídio como o acto que possuiu a tendência autodestrutiva mais extrema, caracterizando-o como o sintoma mais grave dos quadros depressivos e melancólicos.

De acordo com o autor, o suicídio é um quadro regressivo de natureza psicótica, onde o acto autodestrutivo se apresenta como a única solução face à ameaça persecutória, de imagens superegóicas cruéis e aterradoras, que invade o sujeito. O sujeito vai criar a fantasia de que o suicídio é a única solução para se conseguir libertar dos perseguidores situados no seu corpo ou na sua mente, mobilizando mecanismos mágicos e onnipotentes, para aniquilar os objectos perseguidores e sentimentos maníacos baseados na negação da própria morte.

Neste sentido, para o autor, o essencial do acto suicida é a culpa persecutória, à qual estão associadas todas as angústias e fantasias correspondentes. O suicida, muitas vezes, projecta esta culpa insuportável nos objectos, como forma de vingança contra o objecto que não o soube compreender e ajudar, que directa ou indirectamente participou na origem ou no aumento da sua culpa persecutória.

Para Coimbra de Matos (2001) o desejo de morrer resulta da vivência depressiva, da não aceitação do sofrimento que na impossibilidade da revolta, revolta-se contra si próprio.

Segundo o autor, no sujeito depressivo, o objecto é um prolongamento do Eu e perante a perda desse objecto o sujeito fica em sofrimento, incapacitado, como se tratasse de uma

verdadeira amputação do próprio. Ao contrário do sujeito não depressivo, que possui uma constituição narcísica solidificada que, independentemente da acção dos objectos, é capaz de suportar as feridas narcísicas que a vida proporciona.

O sujeito com um narcisismo deficitário, normalmente, reage por uma negação maniforme e onnipotente da realidade das perdas, da autovalorização negativa e da dependência e idealização do objecto. Assim, o suicídio surge como a solução para acabar com a não aceitação de uma vida de insucessos, com excessivos sofrimentos, desgastes ou desaires (Coimbra de Matos, 2001).

Neste sentido, Coimbra de Matos (2001) menciona as razões narcisistas e masoquistas para desejar a morte:

- 1) conquistar o amor total e duradouro do objecto, um amor sem recriminações, acusações, inibições;
- 2) vulnerabilidade narcísica;
- 3) incapacidade de tolerar a dor da perda, aumentando a procura de dor e sofrimento, como forma de obter perdão e amor;
- 4) impossibilidade de suportar o orgulho ferido e a derrocada da onnipotência.

Assim, para o autor, o suicídio resulta da incapacidade do sujeito lidar com as perdas, motivada pela dependência afectiva aos objectos infantis, que condiciona a fixação-regressão infantil, sobretudo ao objecto narcísico, originando uma forte resistência à mudança e dificuldades de investimento em novos objectos e novos objectivos.

De acordo com o que foi referido anteriormente, pode-se considerar o suicídio como o comportamento autodestrutivo mais extremo, em que existe uma intenção deliberada de por termo à vida, resultante de um acto desesperado para acabar com um sofrimento psíquico insuportável perante a aparente ausência de outras soluções.

O suicida experiêcia um sofrimento psíquico insuportável, possui sentimentos de estranheza, perda de identidade, confusão, desespero, desamparo, sente-se ferido na sua auto-estima e dignidade, originando alterações na relação consigo próprio e também na sua relação com o mundo. São sujeitos que se encontram sob pressão, sentem-se tensos, angustiados e esforçam-se para encontrarem soluções, mas face a uma aparente ausência de soluções, perdem a

esperança e recorrem ao suicídio como a única solução para acabar com o sofrimento psíquico insuportável.

O suicida possui uma constituição narcísica pouco solidificada que o torna incapaz de suportar as feridas narcísicas que a vida proporciona, isto é, devido à fragilidade do Eu o sujeito é incapaz de lidar com a mudança e investir em novos objectos e em novos objectivos.

Neste sentido, a adolescência pode ser considerada como um período de risco de suicídio, uma vez que, é um período do desenvolvimento que promove a fragilização do Eu, sentimentos de confusão e de descontinuidade, devido às mudanças que ocorrem ao nível corporal, intelectual e relacional.

É um período caracterizado pela maturação sexual, pela separação face ao parental e ao infantil, pelo fim da dependência familiar e a conseqüente aquisição de autonomia, pela formação do Ideal do Eu e pelo estabelecimento de uma identidade estável com limites bem determinados.

Estas mudanças são geradoras de tensões internas e externas, experienciadas de forma dolorosa, devido aos sentimentos de confusão e instabilidade que promove ao nível do equilíbrio interno/externo, obrigando o adolescente a mobilizar estratégias para integrar as experiências do passado com as novas potencialidades dadas pela maturação.

Alguns adolescentes sentem-se incapazes de elaborarem essas tensões, acabam por reforçarem os seus sentimentos de incapacidade e a ideia de que ninguém os pode ajudar, experienciam um sofrimento psíquico insuportável que os leva ao suicídio.

Todavia, não é claro que na adolescência todos os actos autodestrutivos sejam realizados com a intenção deliberada de por termo à vida.

Por um lado, existem actos autodestrutivos em que se constata uma clara intenção de por termo à vida, mas por outro lado, também existem actos autodestrutivos onde não se constata uma clara intenção de por termo à vida. Outros casos, ainda, em que parece existir intencionalidade de por termo à vida mas o acto autodestrutivo não é consumado com sucesso (Sampaio, 2005).

Assim, Sampaio (2005), considera o suicídio como a concretização de um acto autodestrutivo com intenção deliberada de por termo à vida. E *tentativa de suicídio* ou *suicídio falhado* quando existe uma intenção deliberada de por termo à vida que não é consumada por qualquer interferência. E *para-suicídio* quando é cometido deliberadamente um acto autodestrutivo sem intenção deliberada de por termo à vida.

No presente estudo, devido à dificuldade por vezes sentida na distinção entre o suicídio, a tentativa de suicídio e o para-suicídio, optou-se pela utilização da expressão “*tentativa de suicídio*” para caracterizar o comportamento autodestrutivo que coloca em perigo a vida do adolescente, podendo este comportamento causar ou não a morte do adolescente.

Por vezes torna-se difícil a identificação de uma intenção deliberada de por termo à vida ou de reconhecer no adolescente o desejo de morrer ou a consciência da irreversibilidade da morte. Se por um lado, existem comportamentos que facilmente são identificados como autodestrutivos, em que existe uma intenção deliberada de por termo à vida, como por exemplo a ingestão de veneno com alta toxicidade, atirar-se para debaixo de um comboio em movimento ou atirar-se do cimo de um prédio ou ponte. Por outro lado, existem comportamentos que pela sua natureza colocam o adolescente em perigo de vida, sem que o desejo de morrer seja consciente. Como por exemplo a auto-medicação, o abuso de drogas ou álcool, acidentes de overdose, as auto-mutilações e os acidentes repetitivos de moto (Marcelli & Braconnier, 2005).

A tentativa de suicídio é muitas vezes considerada como um acto impulsivo e irreflectido. A intencionalidade do acto é posta em causa, devido ao facto de adolescentes confirmarem que horas antes do acto suicida ainda não sabiam que o iam cometer. No entanto, a impulsividade é apenas aparente, uma vez que os jovens suicidas manifestam as suas intenções suicidárias aos seus familiares ou amigos semanas ou dias antes do acto (Marcelli & Braconnier, 2005).

Para Grinberg (2000), esta impulsividade traduz a dificuldade sentida, pelo adolescente suicida, no controlo dos impulsos e na orientação no mundo exterior, devido a uma falha das defesas do Eu. São adolescentes que têm pais emocionalmente distantes, sentem-se rejeitados e impedidos de recorrerem a eles para solucionar os seus conflitos ou os seus diferentes problemas.

Segundo Matos (2005), o acto impulsivo surge como resposta às situações angustiantes, devido à incapacidade das defesas psíquicas transformarem as angústias em pensamento. É através da acção não pensada, do acting, que o adolescente consegue aliviar a ansiedade, o sofrimento psíquico. A falta de continuidade relacional e a falha do objecto primário na sua função contentora, impossibilita o desenvolvimento da capacidade de transformar as emoções primitivas em pensamento.

Grinberg (2000) refere que as reacções impulsivas de raiva e hostilidade do adolescente são uma forma de castigo inconsciente para os objectos internos que representam os pais,

motivadas pela falta de apoio efectivo dos pais, quer por serem pouco comunicativos, ambivalentes, distantes ou ausentes.

De acordo com o autor, a tentativa de suicídio na adolescência deve ser considerada como um método desesperado para expressar sentimentos de desespero e desamparo, perante a dificuldade sentida em enfrentar um problema e a ausência de ajuda. É um comportamento que, por vezes, deve ser entendido como um modo desesperado de pedir ajuda.

Para Ladame (1995), o suicídio está associado a uma perturbação psicológica, em que as ideias de apelo à ajuda banal de manipulações ou chantagens não constituem a motivação principal do acto suicidário, no entanto, podem estar presentes na sua construção.

Segundo Matos (2005), os sintomas depressivos e ansiosos são inevitáveis na adolescência, uma vez que é um período onde ocorrem perdas e se coloca em causa a identidade e o narcisismo. A grande maioria dos adolescentes não tem consciência da sua depressão, no entanto, as suas atitudes e comportamentos revelam-se defesas antidepressivas. De acordo com o autor, são os sentimentos de baixa-estima, a falha narcísica resultante da ausência de respostas ou de respostas desadequadas por parte dos objectos, que impulsionam a agressividade autodirigida, que na sua expressão mais violenta se manifesta através do suicídio.

Na literatura sobre o tema, também tem sido mencionado o facto de o adolescente suicida estar exposto a factores ambientais negativos, como por exemplo, conflitos na família e separação parental, ruptura sentimental, mudança de casa, perda de um amigo devido a acidente ou, mais grave, suicídio, insucesso escolar com ruptura de orientação ou exclusão (Marcelli & Braconnier, 2005).

No entanto, para Ladame (1995), os factores ambientais enumerados não são suficientes para conduzirem o adolescente ao suicídio, uma vez que, qualquer adolescente pode estar exposto a eles. Refere que o mais importante é a reacção do adolescente face aos factores ambientais negativos e as respostas que for capaz ou não de formular.

Todavia, a frequência e repetição de situações que o adolescente não consegue resolver, reforça o seu sentimento de incapacidade, a sua tendência à passividade e a sua convicção de que nada nem ninguém o pode compreender ou ajudar (Ladame, 1995).

Segundo Ladame (1981, cit. por Marcelli, 2002), as tentativas de suicídio na adolescência predominam numa psicopatologia relacionada com as falhas narcísicas. Em que a tentativa de suicídio na adolescência resulta do fracasso do segundo processo de separação-individação.

De acordo com Blos (1979/1996), a adolescência é um processo de separação-individuação, ou seja, um segundo processo de individuação, que implica o fim da dependência dos pais, a consolidação de uma estabilidade e solidificação das fronteiras do Eu e do objecto e a criação do Ideal do Eu no final da adolescência.

Este fracasso do segundo processo de separação-individuação, leva o adolescente suicida a viver uma angústia de separação muito intensa, principalmente no período que antecede a tentativa de suicídio, ocasionada por um bloqueio dos processos de internalização. Devido a um desequilíbrio entre os processos de identificação introjectiva e os processos de identificação projectiva (Ladame, 1981, cit. por Marcelli, 2002).

De acordo com o autor, o excesso nos processos de identificação projectiva provoca graves falhas no eixo do narcisismo. O adolescente fica dependente do objecto, incapaz de constituir um Eu estável, provocando uma desorientação na elaboração dos mecanismos de idealização – o Ideal do Eu dá lugar a um Eu Ideal grandioso, inaceitável para o adolescente. Assim, o suicídio irrompe da expressão súbita de uma raiva narcísica, gerando fantasmas de onnipotência e de imortalidade.

Segundo Ladame (1995), a raiva narcísica é dirigida ao próprio corpo do adolescente, através de um ataque destrutivo ao corpo, que será mais intenso quanto maior for a representação do mau objecto primário. Existe uma clivagem entre a representação da imagem do corpo e a representação de si. Em que a representação da imagem do corpo é odiada pela representação do mau objecto primário e a representação de si é idealizada e grandiosa, sustentada pelas identificações projectivas. O acto suicida seria a última tentativa para lutar contra a submissão, a passividade e a dependência ao mau objecto primário.

Em suma, para Ladame, as tentativas de suicídio na adolescência predominam numa psicopatologia relacionada com as falhas narcísicas. O adolescente suicida sente-se incapaz de lidar com as tensões causadas pelo processo de mudança, característico neste período de desenvolvimento, devido ao fracasso do segundo processo de separação-individuação.

O adolescente suicida vive uma angústia de separação muito intensa ocasionada por um bloqueio dos processos de internalização, impossibilitando a diferenciação do objecto primário e dificultando a formação de um Eu com capacidades para lidar com experiências emocionais, ficando dependente do objecto. A tentativa de suicídio surge da expressão súbita de uma raiva

narcísica dirigida contra o próprio corpo, como tentativa para lutar contra a submissão, a passividade e a dependência ao mau objecto primário.

Segundo Matos (2005), estes adolescentes caracterizados por uma angústia de separação e por uma dependência manifesta ou disfarçada desde a infância, apresentam dificuldades ao nível do pensamento: a representação mental do Eu e do objecto é fraca, inconsistente e instável; pobreza dos investimentos libidinais; falta ou fraca capacidade de simbolização, impedindo a ligação/separação da ideia à coisa em si; ausência de fantasia, imaginário, vida onírica; constante conflitualidade e variações de amor/ódio. São adolescentes que perante situações de frustração, rejeição e não gratificação, recorrem a manifestações violentas desproporcionadas.

Estas dificuldades ao nível do pensamento resultam da incapacidade ou limitação da mãe em significar e transformar o que está primitivamente desorganizado e que é necessário interpretar e dar significado. A falha na relação precoce impediu o desenvolvimento da capacidade de pensar, de transformar impulsos, emoções primitivas e a realidade sensorial em elementos de pensamento e de simbolização (Bion, 1956, citado por Matos, 2005). O adolescente vê-se impedido de representar mentalmente o objecto e por isso substitui a representação do objecto por outro objecto em concreto. Ao perder o objecto fica muito angustiado, porque perde a representação do objecto e conseqüentemente fica em risco de perder a integridade do Eu.

Para Laufer, M. (1995/2000) e Laufer, M. E. (1995/2000), o risco da tentativa de suicídio surge na adolescência, isto é, a partir do momento em que foi atingida a maturidade física e sexual.

Segundo Laufer, M. (1968, cit. por Marques, 1999) a adolescência é um processo em que há múltiplas perdas e lutos, obrigando o adolescente a desvincular-se dos objectos antigos para que possa investir em novos objectos. É o período durante o qual a consciência de si, com uma identidade sexual fixa e específica será estabelecida.

Laufer, M. (1995/2000) refere que durante este processo o adolescente é confrontado com mudanças ao nível da maturação corporal, intelectual e relacional. Em que a maturação do corpo sexual vai permitir o estabelecimento de uma identidade sexual, influenciando os comportamentos, pensamentos, desejos, medos e esperanças do adolescente. O adolescente deixa de ser dependente dos pais, isto é, passa a sentir que os seus pensamentos e sentimentos são

realmente seus. Verifica-se a mudança da imagem de um Eu infantil dependente dos pais para um Eu adulto autónomo e independente.

O autor considera a adolescência como um período de separação-individação face ao parental e ao infantil, gerador de tensões que promovem sentimentos de estranheza e confusão, que podem levar ao colapso psicológico. O colapso dos modos anteriores de lidar com as tensões e o facto de constatar que está a falhar ou de que está sozinho ou de que está a tornar-se anormal, quer social quer sexualmente, pode conduzir ao suicídio (Laufer, M., 1995/2000).

Laufer, M. E. (1995/2000) refere que a tentativa de suicídio é a resposta do adolescente ao seu desenvolvimento pubertário, em consequência de uma longa cadeia de acontecimentos psicológicos internos. O adolescente suicida possui uma grande vulnerabilidade, como resultado de fracassos anteriores no seu desenvolvimento durante a infância, que o torna incapaz de lidar com as tensões normais impostas pelo seu desenvolvimento pubertário. Estes adolescentes sentem que o suicídio é a única opção para eles.

Segundo Laufer, M. E. (1995/2000), estes adolescentes possuem sentimentos extremos de desprezo e ódio e são incapazes de utilizarem a raiva de forma construtiva para conseguirem a independência dos pais. Têm sentimentos de anormalidade e ódio dos seus corpos, de tal modo que qualquer tentativa para os superarem conduz ao aumento do ódio por si próprios, podendo chegar à necessidade de atacar e destruir o próprio corpo.

De acordo com Laufer, M. (1995/2000), o adolescente suicida está num imenso sofrimento, sendo incapaz de elaborar os seus sentimentos. Ele sente o corpo sexual maduro como uma das principais fontes dos sentimentos de anormalidade e que, independentemente do que faça, as criações da sua mente o perseguem.

“ Sentimentos de fealdade física, pensamentos de ser homossexual, variados prazeres secretos, masturbação anal, terror por quaisquer sentimentos sexuais, são experimentados pelo adolescente como uma confirmação de que ele não tem o direito de continuar a viver. Este ódio dele próprio também contem sentimentos de solidão e a crença de que não há saída. A consciência adolescente é um juízo implacável e está agora a dizer-lhe e a lembrar-lhe mesmo que ele é um fracasso, um anormal, uma fonte de vergonha para ele mesmo e para os seus pais. As auto-reprovações perseguem-no e acredita agora que estas auto-acusações são certas e verdadeiras.”

(cit. por Laufer, M., 1995/2000, p.75)

Neste sentido, o adolescente suicida sente que está sozinho, acredita que os pensamentos e desejos anormais vivem algures dentro dele e a única forma de retirar o que acredita ser a fonte do sofrimento, ansiedade ou vergonha, é atacando o próprio corpo (Laufer, M., 1995/2000).

Ainda de acordo com o mesmo autor, é fundamental perceber que muitos adolescentes vêm-se obrigados a atacar o próprio corpo. É como se não houvesse outra alternativa que alterasse o seu estado de consciência, ou seja, que silenciasse o inimigo que é sentido como estando algures na sua mente ou no seu corpo. Assim, a tentativa de suicídio é reconhecida como um sinal de grave ruptura mental.

Laufer, M. E. (1995/2000) acrescenta que a tentativa de suicídio é sempre motivada por uma fantasia, uma recusa da realidade da morte e é realizado num estado psicótico dissociativo ou transitório. Este estado é alcançado quando o adolescente tomar a decisão conscientemente e simultaneamente for incapaz de perceber as reais consequências da sua acção.

Então, para Laufer, M. e Laufer, M. E., o risco da tentativa de suicídio surge a partir da adolescência devido à maturidade física e sexual. São adolescentes com grandes vulnerabilidades e incapazes de conseguirem lidar com as tensões normais durante o período da adolescência, como resultado de fracassos anteriores no desenvolvimento durante a infância.

O adolescente suicida sente o próprio corpo como uma das principais fontes de sentimentos insuportáveis e de tensão e por isso vai atacá-lo violentamente colocando em perigo a própria vida. Existe uma grave ruptura mental, motivada por uma fantasia, uma recusa da realidade da morte em que o adolescente não tem consciência das reais consequências da sua acção.

Jeammet e Birot (1994), também referem que os adolescentes suicidas não têm capacidade para lidar psiquicamente com a separação ou a perda. O adolescente suicida possui uma fragilidade narcísica, resultante de falhas no processo de desenvolvimento infantil, que impossibilita a constituição de limites sólidos do Eu e torna-o dependente do objecto.

Mencionam, que os adolescentes suicidas não têm uma relação estável com a figura parental do mesmo sexo, são relações conflituosas ou desadequadas, por falta devido a rupturas e separações ou por excesso devido a relações precoces do tipo simbiótico.

De acordo com os autores, a dificuldade em diferenciar o Eu do objecto e a relação de dependência do objecto explicam a dificuldade em integrar o Édipo negativo, isto é, a relação com a figura parental do mesmo sexo, simultaneamente na sua dimensão identitária e objectal.

O adolescente, devido à dificuldade sentida em diferenciar o Eu do objecto e à relação de dependência que têm com o objecto, tem medo de se submeter ao objecto, porque este pode introduzir-se no Eu, conquistá-lo e alianá-lo definitivamente.

Neste sentido, a relação com o objecto tem uma dupla finalidade, a de uma proximidade e a de um afastamento. Isto é, enquanto o objecto permanecer disponível e acessível a função de apoio desse objecto mantém-se, mas se o objecto ameaça desaparecer ou se torna demasiado próximo, então surgem fantasmas agressivos ou de morte e aumenta a angústia destrutorante.

Jeammet e Birot (1994), referem ainda, que os adolescentes suicidas caracterizam-se também pela ausência de certos factores de protecção, nomeadamente a pouca utilização de mecanismos de defesa do registo obsessivo, (anulação, formação reactiva, racionalização e sublimação), as poucas fixações anais em torno das quais se organiza a relação objectal.

Em suma, para Jeammet e Birot, os adolescentes suicidas não têm capacidade para elaborar psiquicamente situações de perda ou de separação. Referem que são adolescentes que não têm uma relação estável com a figura parental do mesmo sexo, são relações conflituosas ou desadequadas, por defeito ou por excesso.

Mencionam, ainda que o adolescente suicida tem dificuldade em integrar o Édipo negativo, isto é, a relação com a figura parental do mesmo sexo, simultaneamente na sua dimensão identitária e objectal. Esta dificuldade na elaboração das relações desadequadas com objectos precoces ou na resolução do Édipo negativo, pode motivar a tentativa do suicídio na adolescência.

Para Marcelli (2002), as tentativas de suicídio têm como principal objectivo a desobjectivação interna e o triunfo sobre o objecto, observam-se nos quadros de depressividade e nas estruturas-limite. O autor diferencia as tentativas de suicídio em três dimensões distintas da relação com o objecto interno: o apelo impaciente dirigido ao objecto; a recusa da perda do objecto; a expulsão do objecto.

Na primeira dimensão a tentativa de suicídio surge como um apelo impaciente dirigido ao objecto, em que o adolescente, através do acto suicida, tenta tocar o objecto. Devido à dificuldade de diferenciação entre o Eu e o objecto, o adolescente torna-se dependente do objecto e fica em sofrimento perante a ameaça de separação do objecto.

Na segunda dimensão a tentativa de suicídio resulta perante uma recusa da perda do objecto primário. O adolescente não realiza o trabalho de separação, devido a uma forte

idealização ou fragilidade do objecto Edipiano. Assim, o adolescente ao perder um dos pais não consegue realizar a desidealização do objecto Edipiano e qualquer pensamento nesse sentido é considerado como inaceitável pelo adolescente, originando uma intensa culpabilidade face aos seus pensamentos e acaba por dirigir a sua agressividade contra o próprio corpo. Por outro lado, o adolescente pode viver uma intensa culpabilidade e sentimentos de autodesvalorização, perante pensamentos de não estar à altura do objecto Edipiano falecido, dirigindo toda a sua agressividade contra o próprio.

Na terceira dimensão, o autor, refere que a tentativa de suicídio surge para expulsar o objecto. Estas tentativas de suicídio são actos impulsivos motivados pelos afectos de raiva e de violência, presentes na altura do acto suicida. São adolescentes que valorizam muito o percepto, os pormenores e fazem um sobreinvestimento da realidade. No momento da tentativa de suicídio, a realidade é persecutória, existe um esvaziamento do espaço psíquico e das suas representações. Depois do acto suicida ficam fascinados pelo seu comportamento, atribuem-lhe um valor triunfante, mostram-se aliviados e psicologicamente descontraídos, porque pensam que está tudo bem no plano afectivo.

Então, para Marcelli, a tentativa de suicídio deve ser compreendida numa perspectiva dimensional em que o principal objectivo é a desobjectivação interna e o triunfo sobre o objecto.

O autor diferencia as tentativas de suicídio em três dimensões distintas da relação com o objecto interno: a tentativa de suicídio que surge como um apelo impaciente dirigido ao objecto, devido ao sofrimento sentido perante a ameaça de separação do objecto; perante a recusa da perda do objecto o adolescente não realiza o trabalho de separação, devido a uma forte idealização do objecto Edipiano e qualquer pensamento de desidealização é sentido como inaceitável originando uma intensa culpabilidade; tentativas de suicídio resultantes de actos impulsivos motivados por afectos de raiva com a finalidade de expulsar o objecto.

Concluindo, a adolescência é considerada como um período de transição e de transformações, em que ocorrem mudanças ao nível corporal, intelectual e relacional, geradoras de tensões internas e externas. É um período que promove sentimentos de confusão e induz vivências de descontinuidade, obrigando o adolescente a mobilizar estratégias para integrar as experiências do passado com as novas potencialidades dadas pela maturação.

O adolescente é obrigado a realizar um trabalho psíquico de formação, construção e de consolidação de novas estruturas e novos objectos, que é experienciado de forma dolorosa, devido aos sentimentos de confusão e instabilidade sentidos ao nível do equilíbrio interno/externo.

Neste sentido, a tentativa de suicídio na adolescência ocorre em adolescentes que têm muitas dificuldades em lidar com as mudanças, ou seja, sentem-se incapazes de elaborarem as tensões internas e externas, objectais e relacionais, próprias deste período de desenvolvimento.

As dificuldades em lidar com essas tensões resultam da incapacidade de criarem novos símbolos e novos objectos. Estes adolescentes têm uma representação mental do Eu e do objecto fraca, inconsistente e instável, possuem uma fraca ou ausência total de capacidade de simbolização, impossibilitando a ligação/separação da ideia à coisa em si. São adolescentes que não desenvolveram ou vêm-se impedidos de utilizarem a capacidade de simbolização, impossibilitando a expressão ou representação de objectos.

Estas dificuldades ao nível do pensamento resultam da incapacidade ou limitação do objecto primário receber, conter e transformar as projecções do sujeito. O objecto ao não transformar as projecções, impede o sujeito de internalizar as projecções sob uma forma menos angustiante e obriga-o ao uso excessivo da identificação projectiva, como forma de atenuar as suas ansiedades, impossibilitando assim o desenvolvimento da capacidade de transformar impulsos e emoções em elementos de pensamento e de simbolização.

O adolescente perante a impossibilidade de simbolização e representação do objecto, recorre ao excessivo apego à realidade, ao concreto e à interactividade, como forma de substituir a representação do objecto. Assim, sempre que sentir o perigo da perda representacional e impossibilitado de criar uma representação transformada que simbolize o objecto, utiliza os objectos externos, a percepção e o que significam, para suprimir a ausência da representação do objecto. Dai que a perda do objecto se torne angustiante, na medida em que leva à perda da representação do objecto e consequentemente à perda do Eu.

Então, o uso excessivo da identificação projectiva vai bloquear o funcionamento mental e provocar graves falhas no eixo do narcisismo. O adolescente fica dependente do objecto, na medida em que é incapaz de se diferenciar do objecto primário e constituir um Eu com capacidades para lidar com experiências emocionais.

A tentativa de suicídio surge da expressão súbita de uma raiva narcísica dirigida contra o próprio corpo, como tentativa para lutar contra a submissão, a passividade e a dependência ao mau objecto. Dá-se uma clivagem do Eu, em que a representação da imagem do corpo é odiada pela representação do mau objecto e a representação de si é idealizada e grandiosa, sustentada pelas identificações projectivas.

No momento da tentativa de suicídio o adolescente não tem consciência das reais consequências da sua acção, a realidade apresenta-se como ameaçadora, existe um esvaziamento do espaço psíquico e das suas representações que leva o adolescente a recorrer ao suicídio como a única solução para eliminar o que acredita ser a fonte do seu sofrimento.

Assim, pode-se depreender que o adolescente que tenta o suicídio apresenta grande vulnerabilidade ao nível do desenvolvimento dos processos de separação e individuação, como resultado da ausência de um objecto transformacional que conduziu o adolescente ao uso excessivo da identificação projectiva e que impediu o desenvolvimento da capacidade de simbolização e de representação dos objectos. Este funcionamento psíquico baseado no uso excessivo da identificação projectiva promove a dependência do objecto e dificulta a diferenciação e formação de um Eu estável, com uma identidade-identificação fixa e com capacidades para lidar com as experiências emocionais.

O adolescente vive um sofrimento psíquico insuportável, devido à dificuldade sentida em elaborar as situações de perdas e lutos, próprias do processo da adolescência, tem muitas dificuldades em desvincular-se dos objectos antigos e investir e criar novos objectos.

3. OBJECTIVO DE INVESTIGAÇÃO

A adolescência é um período de transição e de transformações, gerador de tensão interna e externa, objectal e relacional, que obriga o adolescente a consolidar a sua identidade, que se encontra fragilizada devido às transformações corporais e às conseqüentes potencialidades dadas pela maturação. O adolescente vê-se obrigado a reelaborar as representações e os investimentos do passado, para se adaptar às novas experiências dadas pela maturação.

Neste período do desenvolvimento surgem mudanças ao nível corporal, intelectual e relacional, originando múltiplas perdas e lutos pela imposição de mudanças ao nível do Eu e das relações entre os objectos internos e externos. Neste sentido, a adolescência é considerada como um segundo processo de separação e individuação, que implica uma reestruturação psíquica, através da desvinculação da dependência familiar e a perda de laços com objectos infantis internalizados, para a descoberta de novos objectos de investimento e consolidação da identidade.

Esta reestruturação psíquica origina uma fragilização do Eu, instabilidade e sensações de insuficiência e estranheza, devido à regressão do Eu, à intensificação dos impulsos e face à ausência do Eu parental que no passado ajudava o adolescente a controlar e a regular a ansiedade e a auto-estima. O adolescente vê-se obrigado a mobilizar defesas para proteger a integridade do Eu até alcançar o reequilíbrio psíquico. Dá-se, então, a formação do Ideal do Eu que permite controlar a regressão do Eu, a reelaboração das representações do passado sem retorno a um estágio de indiferenciação e possibilita a adaptação social. No final da adolescência as representações do Eu e do objecto adquirem estabilidade e limites bem determinados, tornam-se resistentes a influências externas.

Os adolescentes que apresentam dificuldades na reestruturação psíquica, evidenciam distúrbios ao nível do Eu e dificuldades em desvincularem-se dos objectos, vêem-se impossibilitados de consolidar a identidade. A regressão do Eu numa estrutura fragilizada, origina a submersão do Eu num estágio de indiferenciação, que impede a diferenciação do objecto primário e o desenvolvimento do Eu com capacidades para lidar com as experiências emocionais, devido ao uso excessivo do mecanismo de identificação projectiva.

A utilização excessiva do mecanismo de identificação projectiva limita o funcionamento mental, impede o adolescente de simbolizar e representar os objectos, levando-o a acções não pensadas como forma de atenuar a sua ansiedade.

Estes adolescentes apresentam dificuldades na representação do Eu e do objecto com limites bem determinados (Ladame, 1981, cit. por Marcelli, 2002), sentem o corpo sexuado como a principal fonte dos sentimentos insuportáveis e de tensão (Laufer, M., 1995/2000), possuem uma incapacidade de perceber as reais consequências da sua acção (Laufer, M. E., 1995/2000), utilizam pouco os mecanismos de defesa mais evoluídos e possuem relações conflituosas ou desadequadas com as figuras parentais (Jeammet & Birot, 1994), valorizam muito o percepto, os pormenores e fazem um sobreinvestimento da realidade (Marcelli, 2002).

Assim, a tentativa de suicídio surge da expressão súbita de uma raiva narcísica dirigida contra o próprio corpo para acabar com o sofrimento psíquico, motivado pela incapacidade de lidar com as experiências emocionais e pela expectativa criada da inexistência de um objecto transformacional que o ajude a elaborar essas tensões.

A partir da expressão do adolescente, através das representações e criação de símbolos, da relação, comunicação e ligação entre o objecto interno e o externo, pode-se revelar o funcionamento psíquico do adolescente e a sua capacidade de integração e adaptação ao processo adolescente. Neste sentido, espera-se que o funcionamento psíquico do adolescente que tenha tentado o suicídio revele uma excessiva utilização do mecanismo de identificação projectiva e, conseqüentemente, apresente fragilidades identitárias e dificuldades de simbolização, representação e diferenciação dos objectos, que impedem a elaboração psíquica das experiências emocionais e que dificultam a integração ao processo adolescente.

De forma a alcançar o objectivo do estudo, recorreu-se à metodologia projectiva de inspiração psicanalítica e designadamente ao processo resposta Rorschach, instrumento muito utilizado na avaliação psicológica, para aceder e revelar o funcionamento psíquico do adolescente. Este instrumento permite, face à *situação projectiva*, evidenciar o trabalho de ligação e de transformação e a relação entre objectos internos e externos, equivalente ao trabalho psicológico imposto pelo processo adolescente, revelando assim a capacidade de pensar e de criar novos objectos, de se integrar e adaptar ao processo adolescente.

4. MODELO DE INVESTIGAÇÃO

Este estudo baseou-se no *modelo de investigação qualitativa*, tipo *estudo de caso*, uma vez que permite estudar o sujeito em contexto natural e recolher os dados que emergem naturalmente, evitando os constrangimentos de uma investigação quantitativa (Ribeiro, 2007) que conduzem à redução e limitação da expressão individual e singular do sujeito que pretendemos conhecer (Marques, 1999). Neste tipo de investigação o conhecimento científico não se legitima pela quantidade de sujeitos estudados, mas pela qualidade da expressão dos sujeitos (González Rey, 2002).

A investigação qualitativa implica um trabalho de proximidade e interactivo, exige o contacto face a face com o sujeito que pretendemos conhecer e observar o comportamento em contexto natural, permitindo uma compreensão aprofundada do objecto de estudo (Ribeiro, 2007). O objecto de estudo só pode ser observado num espaço e num tempo criados e recriados por dois parceiros subjectivamente envolvidos numa interacção, em que só o contexto e os saberes respectivos limitam e delimitam, espaço e tempo que recria a intersubjectividade (Marques, 1999). A relação e a interacção entre o investigador e o sujeito são essenciais para a recolha de dados, é através da relação e dos diálogos que o sujeito se envolve emocionalmente e expressa ideias e emoções relevantes para o estudo, os momentos informais e os imprevistos comunicacionais relevantes para a investigação surgem durante a relação (González Rey, 2002).

O diálogo promove um clima de segurança, tensão intelectual, interesse, confiança e o potencial das perguntas dirigidas ao sujeito não termina nos seus limites, desenvolve-se durante todo o diálogo, por isso, o desenvolvimento de um diálogo progressivo é considerado a principal fonte de informação na investigação qualitativa (González Rey, 2002).

A relação é potenciadora de um diálogo, de uma narrativa em que a linguagem, a palavra *qualitativa* realça os processos e significados que não são apreendidos em termos de quantidade, intensidade ou frequência, e ao analisar-se a narrativa com base na fala, atribui-se à linguagem uma importância fulcral na interpretação da experiência individual do sujeito (Ribeiro, 2007).

Na investigação qualitativa, o contexto interactivo e relacional dependem do envolvimento e da motivação do sujeito, que acaba por determinar o valor da qualidade de informação. Assim, os instrumentos utilizados neste tipo de investigação adquirem uma certa

importância, porque para além de deverem ser capazes de suscitar respostas devem promover a interação e estimular o envolvimento e a expressão individual do sujeito (González Rey, 2002).

Nesta investigação, recorreu-se ao processo resposta Rorschach, instrumento capaz de facilitar e expor as reacções do sujeito, considerado como fornecedor de dados e de fenómenos que contribuem para a atribuição de sentido e interpretação que se impõe no processo de constituição do conhecimento (Marques, 1999).

As respostas analisadas são produzidas num determinado contexto, contexto esse que obriga a considerar as respostas do sujeito como um objecto construído na interacção intersubjectiva, na comunicação e no diálogo entre os dois intervenientes (Marques, 1999).

O processo de resposta Rorschach obriga à construção de imagens, conceitos, símbolos que sustentados pela narrativa permitem perceber a forma como cada sujeito expressa a sua individualidade e subjectividade. A partir da relação, interpretação, comunicação e simbolização é possível aceder *ao processo de elaboração e construção de narrativas pessoais, ao trabalho de ligação, transformação e criação entre o interno e o externo, subordinada pela intersubjectividade* (Marques, 2005).

O Rorschach impõe um trabalho de transformação, construção e comunicação de um sentido, submetido pelo contexto situacional e relacional onde as narrativas são solicitadas, possibilitando o acesso à natureza da organização e à essência dos objectos internos potenciados pela natureza da organização e essência dos objectos externos (Marques, 2005).

Assim, recorrendo ao processo resposta Rorschach pode-se observar o comportamento do sujeito em contexto natural e analisar, descrever e compreender o objecto em estudo. Ou seja, pode-se constatar o funcionamento psicológico do sujeito em estudo, saber se existe uma utilização excessiva do mecanismo de identificação projectiva que impede a elaboração psíquica das experiências emocionais e que dificulta a integração e adaptação ao processo adolescente.

5. METODOLOGIA RORSCHACH

A metodologia projectiva de inspiração psicanalítica e designadamente o processo de resposta Rorschach, possui grandes capacidades para aceder ao funcionamento psíquico dos sujeitos. É um instrumento que, face à situação projectiva, permite evidenciar o trabalho de ligação e de transformação e a relação entre objectos internos e externos.

Segundo Marques (2005), o processo de resposta Rorschach obriga à construção de imagens, conceitos, símbolos que sustentados pela narrativa permitem perceber de que forma cada sujeito “procede e processa face ao objecto, ao impacte do objecto sobre o sujeito e à relação, comunicação, ligação e transformação entre sujeito e objecto, caldeada pela e na intersubjectividade” (p.24).

A partir da relação, interpretação, comunicação e simbolização é possível aceder à expressão dos *mecanismos psíquicos* envolvidos nos processos de ligação, transformação e criação, ou seja, acede-se ao processo de elaboração e construção de narrativas pessoais, ao trabalho de ligação, transformação e criação entre o interno e o externo, subordinada pela intersubjectividade (Marques, 2005).

O processo de resposta Rorschach promove a confrontação entre o interno e o externo e impõe um trabalho de transformação, construção e comunicação de um sentido, submetido pelo contexto situacional e relacional onde as narrativas são solicitadas. Assim, o trabalho mental desenvolvido no Rorschach possibilita o acesso à natureza da organização e à essência dos objectos internos potenciados pela natureza da organização e essência dos objectos externos (Marques, 2005). Ou seja, as qualidades específicas do Rorschach mobilizam uma acção psicológica, a procura de sentido, a significação, a simbolização e o pensamento, através do envolvimento entre percepções e representações internas e externas e da transformação dessas percepções e representações, revelando assim a capacidade de ligação e transformação dos objectos internos.

O Rorschach é constituído por 10 cartões, em cada cartão encontra-se impresso uma mancha de tinta simétrica. Estas manchas possuem *características perceptivas*, tais como a forma, a cor e o esbatimento, que ao não apresentarem um significado preciso, devido ao seu *carácter ambíguo*, promovem no sujeito *sentimentos de tensão, estranheza e destabilização*

devido à necessidade de procura de sentido. A apresentação dos cartões acompanhada pela instrução, “Diga-me tudo o que poderia ser”, obriga o sujeito a procurar um significado, uma resposta num infinito universo de possibilidades. A impressão sensorial passa a imagem, depois a palavra, conceito e símbolo. Assim, as repostas acabam por surgir do trabalho de ligação, transformação e criação, imposto pelo confronto entre a realidade interna e a realidade externa.

Então o processo resposta Rorschach, este processo de reconhecimento e de significação, de interpretar e atribuir um sentido, é:

“um processo em que operam *separação-ligação-separação*, isto é, interpretar é *identificar* e respeitar as características objectivas e manifestas do material, bem como o contexto em que tal material é apresentado, é depois, *colorir* essas características com elementos da realidade interna, deixando participar a subjectividade, mas não deixando de manter *separadas* as características que advém do externo e do interno, para que a reunião e *ligação* possa operar. É este o processo que conduz a que, através das verbalizações que se produzem e que deverão trazer a marca dos dois mundos separados e ligados, se produza um *novo objecto...*”

(cit. por Marques, 1999, p.150)

As respostas no Rorschach mostram o trabalho de ligação entre interno e externo, entre a subjectivação e a objectivação, permitem aceder à realidade psíquica interna e sempre singular do sujeito face a uma realidade externa, que embora partilhada por outros sujeitos, faz intervir a individualidade, a subjectividade e a singularidade de cada sujeito (Marques, 1999).

As interpretações que surgem no Rorschach são sustentadas pelas relações entre realidade e fantasia, percepção e representação. O Rorschach mobiliza representações e afectos, movimentos conscientes, pré-conscientes e inconscientes, impõe a criação de novos objectos, o que permite aceder à natureza do sujeito e às representações do Eu e dos objectos (Marques, 1999).

Chabert (1998) salienta que para além das estimulações perceptivas dos conteúdos manifestos, os cartões possuem conteúdos latentes, que sustentados pelo modelo psicanalítico, permitem aceder à construção da identidade, dos processos identificatórios e das representações de relações. Os *conteúdos manifestos e/ou latentes* dos cartões proporcionam determinada ressonância fantasmática que aparece nas respostas, nas palavras-imagens, que o sujeito dá.

De acordo com a autora, o valor simbólico dos cartões pode ser observado pela *dimensão estrutural*, a construção formal dos cartões, e a *dimensão sensorial*, pela presença das cores.

Em relação à dimensão estrutural, refere que os cartões são organizados pela simetria e podem ser diferenciados pelo seu carácter unitário, pela configuração bilateral e pelo carácter aberto ou fechado. Os cartões unitários (I, IV, V, VI e IX) podem reflectir a imagem do corpo humano organizado simetricamente em torno de um eixo. Os cartões bilaterais (II, III, VII, e VIII) podem reflectir as representações das relações. Os cartões abertos (I, II, III, VII, VIII, IX, e X) e designadamente os cartões I, II, VII e IX evidenciam um simbolismo relacionado com a imagem feminina/materna, devido ao desenvolvimento perceptivo a partir do vazio. Os cartões fechados (I, IV, V e VI) são compactos e remetem para um simbolismo fálico devido à presença de apêndices salientes.

Em relação à dimensão sensorial, os cartões são distinguidos pela sua cor: os cinzentos-escuros (I, IV, V e VI), provocam ansiedade, inquietação ou angústia, mais ou menos intensa; os cinzentos, designadamente o cartão VII, um cinzento-claro esbatido com grande participação do branco; os negro-branco-vermelhos (II e III), o contraste destas cores pode reactivar os afectos mais intensos, quer sejam agressivos ou ligados à sexualidade, que juntamente com a sua organização estrutural evocam as representações das relações; os pastel (VIII, IX e X) são caracterizados por tintas pálidas que reactivam os afectos.

Então, os cartões Rorschach possuem determinadas particularidades que induzem associações simbólicas ou efectivas que se manifestam nas respostas, no conteúdo latente ou manifesto das mesmas, pelas projecções da vivência relacional e conflitual, permitindo constatar o registo mais ou menos evoluído do funcionamento psíquico.

Rausch de Traubenberg (1983) refere que as respostas representam atitudes que vão do perceptivo ao projectivo, do percebido ao vivido, reflectem as acções e as relações que o sujeito estabelece em situações novas. Em cada resposta, o perceptivo e projectivo têm uma importância diferente, existe uma oscilação entre movimentos regredientes e progredientes em que os mecanismos defensivos e adaptativos dão conta da organização interna do sujeito.

Rausch de Traubenberg (1970/1975) faz uma abordagem multidimensional para a análise e interpretação das respostas, refere que a riqueza de dados recolhidos impõe uma exploração máxima dos mesmos, evitando assim uma análise limitada e fragmentária e uma interpretação

isolada dos signos. A análise e interpretação das respostas incide sobre os elementos decorrentes da abordagem intelectual, da afectividade e da socialização.

Para a autora o processo de resposta Rorschach é um espaço de interacções entre a realidade externa do objecto conhecido e a realidade interna do objecto experienciado, entre a percepção e a fantasia, em que a realidade externa é moldada em função das necessidades e das fantasias internas do sujeito.

Resumindo, o processo resposta Rorschach permite revelar o funcionamento psíquico do adolescente, os seus mecanismos defensivos e adaptativos e a sua capacidade de se integrar e adaptar ao processo maturativo, devido ao trabalho de ligação, transformação e criação imposto pela situação projectiva.

As características perceptivas e simbólicas dos cartões promovem no adolescente sentimentos de tensão e destabilização, obrigando a um trabalho psicológico, de procura de sentido, de significação, de simbolização, que resulta da interacção entre a realidade externa e a realidade interna do adolescente.

A partir da relação, interpretação, comunicação e simbolização é possível aceder aos mecanismos psíquicos individuais do adolescente envolvidos nos processos de ligação, transformação e criação. As transformações das percepções e representações internas e externas revelam a capacidade de ligação e transformação dos objectos internos. As respostas permitem perceber qual o impacto do novo objecto e de que forma o adolescente procede e estabelece relações em situações novas.

O Rorschach é mobilizador de representações e afectos, movimentos conscientes e inconscientes, progredientes e regredientes, impõe relações entre realidade e fantasia, percepção e representação, revelando a construção da identidade, os processos identificatórios, as representações das relações e os mecanismos defensivos e adaptativos que dão conta da organização interna do adolescente.

5.1. A Expressão da Adolescência no Rorschach

A expressão da adolescência no Rorschach tem sido estudada por inúmeros e diversos autores. Neste estudo, recorreu-se a alguns estudos com metodologia projectiva de inspiração

psicanalítica, para demonstrar que através do Rorschach se pode observar as principais problemáticas inerentes ao processo maturativo mais referenciadas na literatura. De entre vários autores, que têm prestado um importante contributo para o aperfeiçoamento e desenvolvimento das potencialidades do Rorschach, na análise e interpretação do funcionamento psíquico dos adolescentes, abordaram-se os estudos realizados por Maria Emília Marques, Nina Rausch de Traubenberg e Michele Emmanuelli.

Marques (1991), realizou um estudo em que constatou que a adolescência se apresenta por duas expressões diferentes: a puberdade e a adolescência propriamente dita. Este estudo foi realizado com dois grupos de adolescentes: um grupo com adolescentes de 13 anos; um grupo com adolescentes de 17 anos.

Neste estudo, a autora constatou que os adolescentes de 13 anos têm maior necessidade de expressão – elevado número de respostas (R) – do que os adolescentes de 17 anos, resultado da intensificação das tensões internas no período inicial da adolescência. Os adolescentes de 13 anos têm uma maior preocupação em delimitar os perceptos, apresentam maior investimento dos limites – predomínio do modo de apreensão global (G) – resultado da preocupação do adolescente em manter o sentimento de integridade. No entanto, apesar deste investimento dos limites, o investimento na realidade objectiva é caracterizada sobretudo por respostas cor (C) e cinestésias (K), constatando-se poucas respostas de dominância formal (F%). São adolescentes que revelam maior preocupação na procura activa de uma identificação (K, H%, elevados) e grande reactividade ao mundo exterior – predomínio de respostas determinadas pelo pólo sensorial mas sem perder o controlo do aspecto formal (FC; FE). Ao contrário dos adolescentes de 17 anos, que apresentam menor expressão de tensões internas e maior adequação à realidade objectiva – F%, F+%, K, H%, Ban dentro dos valores normativos. Ao nível dos conteúdos, os adolescentes de 13 anos apresentam uma temática variada, mas com o predomínio de conteúdos regressivos – revelador de mecanismos narcísicos dominados pelo retraimento libidinal – já os adolescentes de 17 anos centram-se mais em imagens parciais (Hd) e em respostas de anatomia (Anat) – a concentração em imagens parciais e em referências corporais, revela uma angústia de castração que o leva a recorrer a imagens de interior do corpo como eixo organizador.

Enquanto que nos adolescentes de 17 anos a expressão pulsional é estável, revelador da capacidade de mentalizar as pulsões agressivas e/ou sexuais, nos adolescentes de 13 anos a

expressão da agressividade encontra-se presente mas de forma oscilatória, ou seja, o activo e passivo e o agredir e ser agredido expressam-se mutuamente.

Ambos os grupos etários apresentam uma constituição de identidade estável, mas no entanto, os adolescentes de 13 anos apresentam uma identidade subjectiva menos estável. Estes adolescentes apresentam uma maior diversidade e oscilação de representações humanas e para-humanas, animais e para-animais, femininas e masculinas, predominantemente inteiras, revelador da procura activa de uma identificação sexual, podendo ser interpretada como indicador de uma fragilização da representação de si devido à presença de imagens onde a identidade aparece ameaçada na sua integridade. Os adolescentes de 17 anos não revelam a necessidade de representação directa de si (H%, A% baixas), nem a expressão de representação de si através das relações (K baixo), mas no entanto, revelam preocupações sobre o corpo – presença de imagens parciais, preocupações com o carácter imperfeito das manchas, imagens ou comentários que minimizam os elementos viris das manchas.

Em ambos os grupos o narcisismo é marcado por um retraimento libidinal, mas a sua expressão é marcada por características diferentes. Enquanto que nos adolescentes de 13 anos o retraimento aparece na representação directa de si que mobiliza angústia, caracterizada pela desvalorização e/ou valorização de si, nos adolescentes de 17 anos surge sobretudo de imagens do interior do corpo e de imagens de valorização. De outra forma, os adolescentes de 13 anos recorrem muitas vezes a respostas em espelho, reflexo, simetria e os adolescentes de 17 anos recorrem mais vezes a imagens de «flores», «vasos», imagens de valorização narcísica, referências do tipo «coluna vertebral», com o objectivo de neutralizar a representação directa de si ou da relação.

Em relação aos mecanismos defensivos, ambos os grupos apresentam mecanismos defensivos variados e flexíveis. No entanto, nos cartões II, IV e VI constata-se uma maior frequência de defesas rígidas, designadamente o recalçamento e a inibição.

Segundo Marques (1991), os elementos realçados neste estudo não devem ser encarados de forma negativa, mesmo apesar de alguns deles poderem ser inquietantes, uma vez que surgem episodicamente associados à solicitação simbólica dos cartões e são sempre sucedidos por reorganização.

“O real interno e externo podem confrontar-se, expressar-se sem que a perda de controlo persista mais do que o desejável. Estes aspectos podem ser vistos como movimentos oscilatórios, pendulares, percorrendo uma panóplia imensa de estratégias cognitivo-afectivas que possibilitam a expressão. Tudo isto é revelado num quadro vivo onde as possibilidades, as capacidades de levar as coisas a extremos que nos fazem reçar sobre as possibilidades adaptativas, coexistem surpreendentemente com movimentos de recuperação surpreendentes. Concebemos estes movimentos, como movimentos de recuo até patamares mais securizantes - recuar para melhor saltar -, como se o ir até aos limites fosse a tarefa fundamental...”

(cit. por Marques, 1991, p.208)

Em suma, a partir do Rorschach constatou-se que os adolescentes de 13 apresentam um funcionamento psíquico, caracterizado por uma maior expressão da tensão pulsional e maior preocupação em assegurar uma identidade/identificação bem delimitada e estável, enquanto que os adolescentes de 17 anos caracterizam-se pela diminuição da tensão pulsional e menor investimento narcísico, pelo maior investimento objectal e maior adequação à realidade externa. O adolescente perante a intensificação das tensões internas e a dificuldade em as elaborar, pode recorrer ao uso excessivo da realidade objectiva como forma de atenuar e organizar as tensões internas. Ao verificar-se uma diminuição das tensões internas, constata-se uma maior capacidade de elaboração, simbolização, organização e ligação entre realidade interna e realidade externa.

Então, na puberdade, com a maturação corporal e a consequente intensificação dos impulsos, o adolescente fica mais perturbado com questões centradas à volta do corpo e da identidade/identificação subjectiva. Enquanto que na adolescência propriamente dita, com o reconhecimento do novo corpo, surgem preocupações mais relacionadas com o Outro, com a realidade externa, uma vez que passa a ser o objecto de investimento que permite a construção da identificação e conservar o sentimento de integridade.

Numa outra investigação, realizada por Marques (1993), pretendia-se analisar, através do Rorschach, a expressão masculina e feminina dos adolescentes relativamente aos processos de maturação gradual, na puberdade e na adolescência propriamente dita, processos de integração, construção e transformação. Neste estudo participaram adolescentes de 13 e 17 anos de idade, do género masculino e feminino, distribuídos por quatro grupos.

A autora, constatou que todos os grupos de adolescentes apresentaram fragilidades e descontinuidades ao nível da identidade e da diferenciação, todavia, evidenciaram capacidades de

ligação, de integração e de construção, no intuito de conservar a integridade e coesão posta em causa pelo processo maturativo.

Na puberdade, constata-se a expressão de uma maior intensidade emocional, com uma oscilação muito intensa e confusão entre representação, investimento e natureza da relação entre realidade interna e externa, revelando dificuldades ao nível da identidade subjectiva. Os adolescentes, apresentam maior pressão, muitas incertezas, dúvidas, oscilações entre o interno e o externo, revelando dificuldades de diferenciação entre progressão e regressão, entre infantil e adulto. As adolescentes, apresentam as mesmas incertezas face à diferenciação, o que as leva a investir mais no objecto externo, todavia, com tendência a confundir-se com o objecto externo.

Na adolescência propriamente dita, observa-se uma melhor capacidade de integração e construção da identidade. No entanto, constata-se uma tendência para recorrer à regressão, a objectos continentais protectores – respostas «peles», «vasos» –, revelador do desenvolvimento da capacidade de diferenciação e integração. Também se constata, que ainda existem dificuldades em mentalizar a vivência corporal, pulsional e relacional. Os adolescentes, apresentam uma temática ligada à castração, que os leva ao sobreinvestimento dos elementos protectores. As adolescentes, por sua vez, apresentam uma temática do olhar e um aumento da depressividade. O aparecimento da temática de castração e da temática do olhar, acompanhada por depressividade, revelam as dificuldades e o sofrimento que os adolescentes experiênciam.

Segundo Marques (1993), o processo que vai da clivagem para a integração, observado nas transformações que ocorrem na puberdade e na adolescência, revela que os adolescentes passam de uma expressão marcada pelo investimento nos contrários para uma expressão mais controlada, todavia, mais empobrecida, marcada pelo retraimento e a restauração, a dor e o persecutório. Enquanto que nas adolescentes, a transformação revela-se da passagem da confusão com o objecto externo, que ajuda a anular a realidade interna, confusa e intensa, para o desprezo dessa realidade externa, fortemente investida no passado.

Rausch de Traubenberg, et al. (1993), também realizaram uma investigação, com o objectivo conhecer a expressão das modalidades do funcionamento psíquico da adolescência, através do Rorschach. Neste estudo, participaram 37 adolescentes do género feminino e 36 adolescentes do género masculino, com idades compreendidas entre os 16 e os 19 anos.

Os autores, constataram que não existem diferenças significativas entre os adolescentes, femininos e masculinos, relativamente ao número médio de respostas no protocolo (R), modos de

apreensão (G%, D%), determinantes (F%, F+%), conteúdos (A%, H%) e reactividade à cor (RC%). Mas pode-se observar, que a percentagem de respostas globais (G%: F38% e M43%) é superior aos valores ditos normativos (entre 20% e 30%) e que a percentagem de respostas de figura humana (H%: FM21%) também apresenta valores ligeiramente superiores à norma (entre 12% e 18%). Em relação, à percentagem de respostas de grande detalhe (D%: F50% e M45%) observam-se valores abaixo da norma (entre 60% e 80%), observando-se o mesmo relativamente à percentagem de respostas com bom aspecto formal (F+%:F62 e M60, valor normativo entre 80% e 90%). As restantes percentagens encontram-se dentro dos valores ditos normativos.

A tendência de resposta destes adolescentes, revelada estatisticamente a partir das percentagens médias observadas e confirmada pela mediana, pode evidenciar que os adolescentes apresentam fragilidades ao nível da identidade, identificação e adequação à realidade objectiva.

Ao analisarem-se estes resultados cartão a cartão, constata-se: uma maior percentagem de respostas nos cartões VIII, IX e X; uma maior percentagem de respostas globais nos cartões I, IV e V; uma maior percentagem de respostas de grande detalhe nos cartões III, VIII e X; as respostas de pequenos detalhes (Dd), detalhes brancos (Dbl) e detalhes oligofrénico (Do) são mais frequentes nos cartões II, VII e IX; maior número de respostas de movimento humano (K) nos cartões III e VII; maior número de respostas de atribuição de movimento a um animal (Kan), a uma parte do corpo humano (kp) e a um objecto (kob), nos cartões II, V, VII, VIII, IX e X; maior número de respostas influenciadas pela cor (FC, CF e C) nos cartões II, VIII, IX e X; maior número de respostas influenciadas pelo esbatimento (FE, EF e E) nos cartões IV, VI e VII; maior número de respostas influenciadas pelo aspecto sombrio das manchas (FClob, ClobF e Clob) no cartão IV; maior percentagem de respostas determinadas pela forma (F%) e com boa forma (F+%) nos cartões I, V e VI, e menor percentagem destas respostas nos cartões II, III e IX; maior número de respostas de banalidades (Ban) nos cartões I, III e V.

Apesar da generalidade destas respostas serem influenciadas pela própria solicitação perceptiva dos cartões, pode salientar-se que os adolescentes evidenciaram maior reactividade emocional no cartão II, curiosamente num dos cartões onde os adolescentes apresentaram maiores dificuldades de adequação à realidade (F+% 45%), revelador de fragilidades ao nível das relações e no controlo da expressão pulsional. No cartão III, apesar do maior número de respostas de movimento humano e de banalidades, também se verificaram dificuldades de adequação à realidade (F+% 55%), podendo ser revelador de dificuldades na representação das

relações, no controlo pulsional e na representação da imagem do corpo. Esta reactividade emocional provocada pela cor, também se observou no cartão IV, onde se registou o maior número de respostas influenciadas pelo aspecto sombrio das manchas, revelador de ansiedade e angústia, mas que no entanto acabou por ser controlada através de mecanismos defensivos adequados. Finalmente, no cartão IX, apesar do elevado número de respostas, também se verificou que os adolescentes apresentaram dificuldades ao nível da adequação à realidade (F+% 44%).

Assim, com este estudo os autores demonstraram a capacidade do Rorschach para identificar as características do funcionamento psíquico dos adolescentes, mais referenciadas na literatura, designadamente, as fragilidades ao nível da representação da identidade, representação das relações e dificuldades no controlo pulsional e adaptação à realidade.

De forma a evitar que o funcionamento psíquico dos adolescentes seja objecto de más interpretações, em resultado dos movimentos regressivos impostos pela reconstrução narcísica, Emmanuelli (2001), realizou um estudo para demonstrar que os aspectos excessivos das produções dos adolescentes não devem ser interpretados como sinais patológicos. A autora, considera que na adolescência a actividade mental é fortemente solicitada devido a mudanças corporais e relacionais impostas pelo processo adolescente, dando origem a um forte investimento nos processos de pensamento e nas defesas narcísicas.

No seu estudo, Emmanuelli (2001) utilizou dois protocolos Rorschach aplicados a uma adolescente, quando esta tinha 8 anos e 5 meses e aos 15 anos e 2 meses, para estudar a qualidade do investimento narcísico, da mobilização das identificações e da actividade do pensamento. A autora, ao comparar os dois protocolos, constatou que na adolescência as defesas narcísicas são mais frequentes e são impulsionadas por uma actividade pulsional, imposta pelo processo adolescente, que obriga a uma intensificação das defesas narcísicas e à elaboração das fragilidades narcísicas. Esta elaboração conduz a uma exacerbação positiva dos processos de pensamento, a movimentos de reinvestimento da libido objectal e de ajuste da angústia de castração. Emmanuelli (2001), observou que os processos de mudança na adolescência surgem no Rorschach através dos determinantes cinestésicos e sensoriais. O forte investimento de cinestésias humanas ilustra a implicação deste factor nas dimensões identificatórias, relacionais e narcísicas, sustentadas pelo investimento dos processos de pensamento. A utilização de factores sensoriais, nas suas diversas formas (C, C', E) permitem ao adolescente expressar, não de forma

verbal mas através de representações, os seus afectos (ansiedade, angústia, medo) ou alguns movimentos pulsionais existentes. Também se constata, no protocolo da adolescência, uma maior associação de respostas, menor tempo de latência e muitos comentários.

Segundo Emmanuelli (2001), os adolescentes que através dos protocolos Rorschach evidenciem restrição e inibição, podem ser os mais preocupantes, apesar da sua dimensão, por vezes, adaptativa. Por uma lado, a inibição pode ser interpretada como um sinal de existência de um trabalho psíquico, normalmente temporário, mas nos adolescentes a inibição revela muitas vezes uma incapacidade de associar, resultado do desconforto e das dificuldades em elaborar psiquicamente os problemas com os quais se depara.

Então, para a autora, a integração progressiva das mudanças impostas pelo processo maturativo, passa pelo investimento nos processos de pensamento e nas defesas narcísicas, movimentos regressivos essenciais à restauração narcísica e relacional, que possibilitam o desenvolvimento da capacidade de elaborar psiquicamente as mudanças maturativas. Menciona, que a dificuldade em integrar e elaborar psiquicamente as mudanças maturativas, por vezes, manifesta-se nos protocolos Rorschach que evidenciam restrição e inibição do pensamento.

A partir destes estudos, os autores demonstraram que o processo resposta Rorschach possui capacidades para revelar a expressão do funcionamento psíquico dos adolescentes, os mecanismos de integração e adaptação envolvidos neste período do desenvolvimento. Pode concluir-se que geralmente os adolescentes, apesar de apresentarem fragilidades ao nível da representação da identidade, representação das relações e dificuldades no controlo pulsional e adaptação à realidade, evidenciam mecanismos defensivos e adaptativos que possibilitam ultrapassar de forma positiva as tensões sentidas neste período do desenvolvimento.

5.2. A Expressão do Suicídio no Rorschach

Nas últimas décadas têm se vindo a realizar várias investigações com objectivo de capacitar o Rorschach com elementos preditivos do suicídio, ou seja, tornar o Rorschach mais eficiente na avaliação e identificação de sujeitos em risco de suicídio.

Em vários estudos realizados, (Blatt & Ritzler, 1974; Exner & Wylie, 1977; Kendra, 1979; Hansell et al., 1988; Silberg & Armstrong, 1992; Fowler et al., 2001; etc.), baseados em modelos quantitativos, procurou-se identificar as respostas/sinais que determinam a tendência

suicidária, a partir da frequência de determinadas respostas dadas por sujeitos que tentaram o suicídio e comparando-as com as dos sujeitos normativos.

Numa dessas investigações, realizada por Blatt e Ritzler (1974), constatou-se que os sujeitos que se tinham suicidado, durante ou depois da hospitalização, apresentaram nos protocolos Rorschach um número de respostas de transparência e de vista em corte significativamente maior que o grupo de controle, mesmo não tendo sido verificado se existia ideiação suicida nos sujeitos pertencentes ao grupo de controle ou se já alguma vez tinham tentado o suicídio. Os dois grupos eram constituídos por sujeitos hospitalizados, diagnosticados com psicose, patologia limite e depressão. Os autores consideram que as respostas de transparência ou translucidez, sem representação do volume, e as respostas dadas vistas em corte representam a perda da capacidade de representação em três-dimensões, reflectindo a perda do Eu e da capacidade de diferenciação do objecto, resultado de uma introspecção dolorosa e autocrítica que promove sentimentos de baixa auto-estima e a falta de vitalidade.

Numa outra investigação, Exner e Joyce Wylie (1977) constataram a existência de um grupo de onze variáveis que ajudam a identificar os sujeitos suicidas. Neste estudo foram utilizados três grupos experimentais – um em que os protocolos foram recolhidos sessenta dias antes do suicídio; outro em que os protocolos foram recolhidos sessenta dias antes da tentativa de suicídio; e finalmente um grupo em que os protocolos foram recolhidos cinco dias após a tentativa de suicídio – e três grupos de controle – um constituído por sujeitos depressivos que nunca tentaram o suicídio; outro constituído por sujeitos esquizofrénicos que nunca tentaram o suicídio; e por fim um grupo de sujeitos sem história psiquiátrica. As onze variáveis que surgiram, com uma frequência significativamente maior, no grupo de sujeitos suicidas e que são apontadas pelos autores como sendo preditivas do suicídio são:

- 1) $FV+VF+V+FD > 2$
- 2) Color-Shading Blend > 0
- 3) $3r + (2) / R < 0.3$
- 4) $Zd > 3.5$
- 5) Experience Potencial (ep) $>$ Experience Actual (EA)
- 6) $CF + C > FC$
- 7) $S > 3$
- 8) $X+\% < 70\%$

9) $H < 2$

10) $3 < P > 8$

11) $R < 17$

Entenda-se por: FV, VF e V as respostas em que o sombreado causa efeito de profundidade; FD as respostas em que o tamanho ou a posição causam efeito de profundidade, distancia ou dimensão; Color-Shading Blend as respostas de combinação Cor-Sombreado; r as respostas em que são referidas imagens em espelho, devido à simetria da mancha; (2) as respostas que envolvem uma imagem dupla, devido à simetria da mancha; Zd corresponde aos valores atribuídos às relações estabelecidas entre os vários elementos da resposta, tendo em conta o grau de facilidade ou de complexidade da relação estabelecida; ep corresponde a um estilo organizativo extratensivo e EA corresponde a um estilo introversivo; C, CF as respostas determinadas pela influencia das cores; S as respostas que incidem sobre o espaço branco, inversão figura-fundo; X+% a percentagem de respostas com boa percepção da forma; H as respostas de figura humana; P as respostas de conteúdos frequentemente dadas pela população; R o número de respostas no protocolo.

Segundo os autores: as respostas FV, VF, V e FD com valor elevado são frequentes em sujeitos que se encontram num período de introspecção, período que é experiênciado de forma dolorosa; as respostas de combinação Cor-Sombreado reflectem uma experiência emocional simultaneamente agradável-desagradável, são sensíveis à cor e ao mesmo tempo tentam controlar os afectos através do sombreado; $3r + (2) / R$ reflecte a representação que o sujeito tem de si, os sujeitos depressivos e mais autocríticos frequentemente apresentam um valor inferior a 0.3, quer sejam sujeitos adultos ou adolescentes; Zd está relacionado com a eficiência organizacional na actividade perceptiva e interpretativa, ou seja, quando o valor é elevado o sujeito analisa de forma cautelosa e perfeccionista todos os elementos perceptivos da mancha e quando o valor é baixo o sujeito analisa apressadamente a mancha, em ambos os casos existem falhas interpretativas e forte probabilidade de má interpretação perceptiva; $ep > EA$ sugere que o sujeito não tem um bom controlo e organização dos mecanismos defensivos, reage ao estímulo de forma impulsiva devido à ausência de mecanismos defensivos adequados; $CF + C > FC$ demonstra que os sujeitos são reactivos à cor e que as suas respostas são determinadas pelas suas emoções, em detrimento do aspecto formal da mancha; $S > 3$ sugere alguma resistência e negativismo da parte

do sujeito; $X+$ equivale a um teste da realidade, em que uma boa percepção da realidade é fundamental para a tomada de decisão, principalmente quando é necessária a adaptação ao meio envolvente; $H < 2$ reflecte a ausência de interesse pelas pessoas ou uma dificuldade de relacionamento interpessoal; $3 < P > 8$ demonstra a dificuldade do sujeito em ter representações convencionais; $R < 17$ revela alguma resistência da parte do sujeito ou alguma dificuldade de representação, empobrecimento da actividade psicológica, muito frequente nos sujeitos depressivos.

Embora, Exner e Wylie (1977), descrevam estas onze variáveis como preditivas do suicídio, os resultados demonstraram que estas variáveis apenas identificaram 25% dos sujeitos que concretizaram o suicídio e 10% dos sujeitos que tentaram o suicídio, identificaram ainda, indevidamente, 2% dos sujeitos de cada grupo de sujeitos com história psiquiátrica. No entanto, consideradas apenas oito entre as onze variáveis, conseguiu-se identificar 75% dos sujeitos que concretizaram o suicídio e 45% dos sujeitos que tentaram o suicídio, todavia, identificou-se indevidamente 20% dos sujeitos depressivos e 12% dos sujeitos com esquizofrenia. Os sujeitos sem história psiquiátrica são identificados indevidamente apenas com menos de oito variáveis. Os protocolos aplicados cinco dias depois da tentativa de suicídio não apresentaram uma elevada frequência destas variáveis, nem se verificou diferenças significativas em relação aos sujeitos com perturbação psicológica. Pode-se concluir, que a análise quantitativa não conseguiu demonstrar a eficácia desta constelação de variáveis na identificação de sujeitos em risco de suicídio. No entanto, uma análise interpretativa do conjunto destas variáveis pode evidenciar as principais características do funcionamento psicológico manifestadas pelos sujeitos suicidas.

Kendra (1979), também desenvolveu uma investigação em cujo o objectivo era encontrar um conjunto de variáveis no Rorschach que identificassem os sujeitos em risco de suicídio, através da análise da frequência de um conjunto de variáveis. Nesta investigação, utilizaram-se protocolos de três grupos: um grupo constituído por sujeitos que concretizaram o suicídio; outro grupo constituído por sujeitos que tentaram o suicídio; finalmente um grupo de sujeitos com perturbação psicológica, mas sem história de tentativas de suicídio. O autor, constatou que a partir de um conjunto de seis variáveis (FM ; Fc' ; c ; $P\%$; $H\%$; $W : M$) conseguiu identificar 57% dos sujeitos que concretizaram o suicídio, 52% dos sujeitos que tentaram o suicídio, todavia, 48% dos sujeitos sem história de tentativas de suicídio também apresentaram uma elevada frequência de respostas nestas variáveis. O autor, mencionou que não podia apresentar nenhuma

análise interpretativa para explicar os resultados, uma vez que os dados obtidos reflectiam apenas uma constatação empírica. Neste sentido, pode-se depreender que as dificuldades sentidas, neste tipo de estudos, resulta da ausência de fundamentação teórica que ajude a interpretar os resultados obtidos e a evitar conclusões a partir de relações casuais.

Hansell et al. (1988), realizaram uma investigação para confirmar se determinadas respostas/sinais singulares no Rorschach, nomeadamente as respostas de transparência, vista em corte e de mistura cor-sombreado, podem ser consideradas como indicadores de risco de suicídio. Nesta investigação, participaram sujeitos hospitalizados e diagnosticados com depressão major: uns com depressão unipolar; outros com depressão bipolar, confirmada a ausência de manifestações claras de hipomania ou mania; sujeitos com depressão reactiva. O Rorschach foi aplicado aos sujeitos duas vezes, no início quando foram hospitalizados e depois da “crise”, com uma média de 35 dias de intervalo, ao fim de uma/duas semanas após deixarem a medicação. Os sujeitos que tiveram alta hospitalar antes do fim das duas semanas não realizaram o pós-teste. Também, foi aplicado a todos os sujeito uma escala de depressão (Hamilton Rating Scale for Depression), quando foram hospitalizados e depois da “crise”. Esta escala contem uma sub-escala que permite constatar se existe risco de suicídio. Na primeira aplicação, identificou-se 15% dos sujeitos em que o risco de suicídio era grave, 34% dos sujeitos o risco de suicídio era moderado e em 51% dos sujeitos o risco de suicídio era baixo. Na segunda aplicação, todos os sujeitos eram considerados fora da “crise” se apresentassem um valor ≤ 12 , constatou-se que 91% dos sujeitos não apresentavam risco de suicídio e em 9% dos sujeitos o risco de suicídio era baixo. Hansell et al. (1988), constataram que as respostas de transparência, vista em corte e de mistura cor-sombreado não são indicadores do risco de suicídio nos sujeitos com Depressão, devido à pouca frequência das mesmas. É importante salientar que nesta investigação, ao contrário de outras já referidas anteriormente, só se consideraram as respostas como sendo de transparência/vista em corte se o sujeito as verbalizasse, por exemplo, teria de afirmar ver algo através de nuvens, nevoeiro, fumo ou ver qualquer coisa em corte, no caso dos sujeitos terem dado por exemplo a resposta Raio-X, esta só foi considerada se os sujeitos verbalizaram a transparência, o mesmo não aconteceu noutras investigações. Talvez as questões metodológicas, principalmente a operacionalização das variáveis, possam ter influenciado o resultado da investigação. No entanto, constatou-se uma relação entre as respostas de mistura cor-sombreado e o baixo risco de suicídio, e ainda, se verificou uma relação entre as respostas de

transparência/vista em corte e o passado histórico dos sujeitos com tentativas de suicídio, devido à frequência de resposta ter sido semelhante nas duas aplicações.

Para testar a eficácia da constelação de variáveis preditivas do suicídio (S-CON, Rorschach Comprehensive System's Suicide Constellation), de John Exner, Fowler et al. (2001) realizaram uma investigação com sujeitos hospitalizados, em que se pretendia diferenciar os sujeitos que tinham sido caracterizados como sujeitos que poderiam vir a cometer o suicídio ou suicídio falhado, dos sujeitos para-suicidas e sujeitos sem tendências suicidas. Os sujeitos foram divididos em três grupos: sujeitos que poderiam vir a cometer o suicídio; sujeitos com comportamentos para-suicidas; sujeitos sem tendências suicidas. Foi constituído ainda um quarto grupo, com estudantes universitários sem história psiquiátrica, para grupo de controle. Fowler et al. (2001), constataram uma diferença significativa, ou seja, uma maior frequência das variáveis preditivas do suicídio nos protocolos dos sujeitos assinalados como podendo vir a cometer o suicídio, comparativamente aos restantes sujeitos hospitalizados, e também, verificaram que nenhum estudante foi identificado como potencial suicida. Os autores, concluíram que S-CON, utilizando sete ou mais variáveis, demonstrou ser eficaz na identificação de sujeitos em risco de vir a cometer o suicídio.

Em relação a investigações com adolescentes, mas ainda dentro deste modelo quantitativo, Silberg e Armstrong (1992) realizaram uma investigação cujo principal objectivo era confirmar a eficácia da constelação de variáveis preditivas do suicídio de John Exner junto da população adolescente. Nesta investigação participaram adolescentes, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, com uma média de idade 16 anos, que se encontravam hospitalizados com o diagnóstico de depressão. Foram constituídos três grupos: um com adolescentes com tendência suicida; outro com adolescentes sem tendência suicida; finalmente um grupo constituído por adolescentes sem depressão e sem tendência suicida. Silberg e Armstrong (1992), constataram que apesar da constelação de variáveis preditivas do suicídio para adultos de Exner não ter sido eficaz, emergiu uma outra constelação que em quatro de entre seis variáveis identificaram 64% dos adolescentes com tendência suicida, no entanto, também identificaram 15% dos adolescentes sem tendência suicida e 25% dos adolescentes sem depressão e sem tendência suicida. Em seguida são descritas as variáveis e o significado atribuído às mesmas pelos autores: $FV+VF+V > 0$ – respostas em três-dimensões, resultado de uma introspecção dolorosa; mistura cor-sombreado >1 – reacção emocional provocada por ansiedade;

MOR > 0 – preocupações mórbidas; M- > 1 – representação distorcida da figura humana; CF+C > FC – um número de respostas cor sem qualidade formal superior às com qualidade formal, sinal de impulsividade; códigos especiais > 9 (verbalizações inusuais, perseveração e falhas de integração, características especiais de conteúdo, respostas personalizadas, fenómeno especial de cor) – processos de pensamento incoerentes/ilógicos.

Em suma, pode-se concluir que os autores destas investigações, baseadas em modelos quantitativos, sentiram grandes dificuldades em encontrarem respostas/sinais singulares que demonstrassem a eficácia do processo resposta Rorschach na predição do suicídio. Partindo do pressuposto, que as respostas no Rorschach manifestam associações simbólicas ou efectivas, a partir das quais se tem acesso aos mecanismos defensivos dos sujeitos, então, consegue-se perceber a dificuldade sentida pelos autores, uma vez que os sujeitos com perturbações psicológicas variadas podem apresentar alguns mecanismos defensivos semelhantes.

Posteriormente, estes autores tentaram identificar um conjunto de variáveis no Rorschach que, entre sujeitos com perturbações psicológicas variadas, distinguisse os sujeitos que se encontram em risco de suicídio. Pode constatar-se, a partir dos estudos referidos, que não ficou demonstrada a eficácia de nenhum conjunto de variáveis, talvez devido à ausência de uma fundamentação teórica que ajudasse a interpretar/explicar o aparecimento dessas variáveis.

Neste sentido, constata-se que existem poucas investigações que abordem a problemática do suicídio na adolescência recorrendo ao Rorschach, como instrumento revelador de elementos de análise e de interpretação teoricamente fundamentados.

Numa dessas investigações, realizada por Santos (1989), em que se pretendia verificar se os adolescentes que tinham tentado o suicídio apresentavam relações de objecto caracterizadas por falhas particulares na elaboração da posição depressiva, ou seja, se os adolescentes que fazem tentativa de suicídio apresentam um funcionamento do Ego mais arcaico do que os outros adolescentes da população geral. A autora, recorreu ao Rorschach para testar a representação e integridade do Eu e para verificar quais os mecanismos defensivos e adaptativos utilizados pelos adolescentes. A representação e integridade do Eu surge projectada na integridade da imagem do corpo apresentada e na delimitação e integração dos estímulos perceptivos. A tonalidade disfórica do Rorschach e o conteúdo simbólico dos cartões, faz despertar sentimentos depressivos e feridas narcísicas relacionadas com a falta ou a perda de objecto. O conteúdo e a dinâmica das respostas permitem o acesso aos mecanismos defensivos frequentemente utilizados pelos sujeitos

e perceber a qualidade da integração dos elementos pulsionais solicitados pelo material. A autora, constatou que 46% dos adolescentes que tentaram o suicídio apresentaram um funcionamento do Ego pouco evoluído, em que os mecanismos defensivos mais utilizados foram a projecção e a clivagem, 35% dos adolescentes utilizaram mecanismos defensivos maníacos, apresentando grandes dificuldades de reparação narcísica, e finalmente, 19% dos adolescentes apresentaram um funcionamento do Ego evoluído. No entanto, também verificou que 23% dos adolescentes da população geral possui um funcionamento psíquico menos evoluído. Santos (1989), ainda constatou que os adolescentes suicidas apresentaram diferenças significativas ao nível da comunicação interpessoal comparativamente aos adolescentes da população geral. Entre essas diferenças destaca-se o predomínio de comentários depreciativos ou críticos, as respostas estranhas, tangenciais, hesitantes e inapropriadas, revelando falhas de raciocínio, também um discurso revelador de uma diminuição geral da atenção, distractibilidade.

Numa outra investigação, realizada por Jeammet e Birot (1994), com adolescentes suicidas, com idades compreendidas entre os 13 e os 25 anos, também se constatou, tal como Santos (1989), que os adolescentes suicidas utilizam com mais frequência a projecção, a clivagem e as defesas maníacas do que os mecanismos de defesa mais evoluídos, tais como, a anulação, formação reactiva, racionalização e a sublimação. Nesta investigação foram utilizados dois grupos de controle: um constituído por adolescentes que já tinham tido ideias de suicídio mas sem passagem ao acto; um grupo constituído por adolescentes que nunca tentaram e nunca tiveram ideias de suicídio. Entre os adolescentes suicidas, 31% foram diagnosticados com patologia limite e 21% com depressão, os restantes por patologias diversas. Jeammet e Birot (1994) referem, ainda, que os adolescentes suicidas apresentam maior dificuldade no controle das pulsões, apenas metade dos adolescentes suicidas com depressão consegue uma representação psíquica dos conflitos e evidencia capacidades de elaboração psíquica. Já os adolescentes suicidas com patologia limite apenas 30% evidência capacidades de representação e elaboração psíquica.

Assim, segundo Santos (1989) e Jeammet e Birot (1994), o funcionamento psíquico dos adolescentes suicidas é caracterizado pela utilização de mecanismos defensivos primários, nomeadamente, a projecção e a clivagem. Todavia, nem todos os adolescentes que apresentaram mecanismos defensivos primários tentaram o suicídio e, por outro lado, os adolescentes que apresentaram mecanismos defensivos mais evoluídos também tentaram o suicídio.

De qualquer forma, o processo resposta Rorschach demonstrou ser um instrumento capaz de revelar características do funcionamento psíquico do adolescente suicida, designadamente, a presença de mecanismos defensivos primários, dificuldades ao nível da comunicação interpessoal e da representação e elaboração psíquica.

5.3. A Identificação Projectiva no Rorschach

Ao longo dos anos o conceito de identificação projectiva tem sido objecto de interpretações e significações variadas.

O mecanismo de identificação projectiva surge, pela primeira vez, através de Melanie Klein, é descrito como sendo a fantasia onipotente de que as partes indesejadas do Eu podem ser clivadas, projectadas e controladas nos objectos externos (Klein, 1952, cit. por Grinberg, 2001). Refere que é um mecanismo de identificação primitivo, utilizado nos momentos mais regressivos, quando não se encontra estabelecida a diferenciação entre o Eu e os objectos.

Segundo Klein (1952, cit. por Grinberg, 2001), o seu uso excessivo conduz à debilitação e empobrecimento do Eu, pela perda dos aspectos projectados no objecto, e a um estado de confusão mental, pela incapacidade de diferenciação entre o Eu e o objecto. É um mecanismo defensivo do Eu utilizado contra a angústia que acaba por prejudicar a integridade do Eu e provocar a sua debilitação.

Klein (1955, cit. por Grinberg, 2001) acrescenta que também existe a projecção das partes boas do Eu, e por isso, considera a identificação projectiva como a base da comunicação normal e da empatia, essencial para o desenvolvimento das futuras relações objectais. Menciona, que o funcionamento normal da identificação projectiva, contribui para o desenvolvimento da capacidade de o sujeito compreender sentimentos, comportamentos, atitudes e construir símbolos.

Bion (1967, cit. por Grinberg, 2001), também, considerou o mecanismo de identificação projectiva como um dos principais factores na formação de símbolos e na comunicação humana, atribuindo-lhe ainda grande importância para o desenvolvimento da actividade de pensar.

Segundo o autor, o sujeito ao dissociar e projectar partes do Eu no objecto, espera as reaver sob uma forma alterada e menos angustiante. Tal como na fase inicial do desenvolvimento, em que os pensamentos são impressões sensoriais e experiências emocionais resultantes da experiência concreta de uma coisa-em-si-mesma, onde o sujeito recorre à

identificação projectiva para se libertar do excesso de estímulos que o angustiam (Bion, 1967, cit. por Grinberg, 2001).

A relação dinâmica entre sujeito e objecto, a capacidade de *rêverie* do objecto, ou seja, a capacidade de receber, conter e modificar as projecções, vai permitir ao sujeito atenuar as suas angústias e desenvolver a capacidade para pensar os pensamentos, ao internalizar as projecções transformadas pelo objecto (Bion, 1967, cit. por Grinberg, 2001). Na impossibilidade de desenvolver a capacidade para pensar os pensamentos, a capacidade de simbolizar, distinguir a palavra da coisa-em-si-mesma, o sujeito utilizará a identificação projectiva para descarregar as suas ansiedades perante situações de frustração e dor (Bion, 1967, cit. por Grinberg, 2001).

Para Rosenfeld (1969,1974, cit. por Grinberg, 2001) a identificação projectiva é um processo de clivagem do Eu, em que partes boas ou más do Eu são dissociadas e projectadas com amor ou ódio nos objectos externos, tal como para Klein. Menciona, que o mecanismo de identificação projectiva pode ser usado como método de comunicação ou como método para negar a realidade psíquica através da projecção dos conteúdos do Eu não desejados.

Segundo Rosenfeld (1969,1974, cit. por Grinberg, 2001), a identificação projectiva onnipotente, em que predomina a projecção das partes más do Eu, prejudica o pensamento verbal e abstracto, induz o pensamento concreto e a confusão entre realidade e fantasia. A identificação projectiva excessiva vai impossibilitar a diferenciação entre o Eu e os objectos e originar o pensamento concreto, devido à perda da capacidade de pensamento simbólico, levando a más interpretações da realidade.

Grotstein (1981/1985), também refere que a identificação projectiva quando usada como defesa, induz confusão, desorientação, desvitalização e o esvaziamento dos conteúdos da mente. Quando a identificação projectiva é usada com fins exploratórios, a externalização no ou com o objecto resulta em amadurecimento e em crescimento.

Para alguns autores, tais como Grotstein (1981/1985), a identificação projectiva e a projecção são idênticos e intercambiáveis, uma vez que não pode haver projecção sem identificação, ou seja, a projecção já implica uma recusa da identificação. Enquanto que para outros autores, tais como Kernberg (1987/1989), o mecanismo de identificação projectiva é considerado como um mecanismo diferente da projecção, é definido como um mecanismo defensivo primitivo e a projecção como um mecanismo defensivo evoluído.

A identificação projectiva apresenta a clivagem como defesa básica, enquanto que na projecção surge o recalçamento como defesa básica, será o predomínio da clivagem ou do recalçamento como meio central de defesa que determinará se estamos perante a identificação projectiva ou a projecção (Kernberg, 1987/1989).

O autor, propôs que o desenvolvimento do Eu seria responsável pela mudança da utilização de mecanismos defensivos primitivos pelos mais evoluídos. Segundo Kernberg (1987/1989), a projecção é mais utilizada por sujeitos com organização neurótica de personalidade, enquanto que a identificação projectiva é mais utilizada por sujeitos com organizações limite e psicóticas de personalidade, salientando porém, que ambas as defesas podem ser utilizadas pelo mesmo sujeito. Apesar da identificação projectiva não ser habitualmente utilizada nas neuroses, constata-se a sua presença nos sujeitos que experienciam uma grave regressão temporária.

Então, o mecanismo de identificação projectiva manifesta-se em duas dimensões diferentes, a comunicacional e a defensiva, estando esta dependente do resultado da qualidade das identificações projectivas das primeiras relações objectais, da dinâmica das relações objectais, do tipo de contacto com a realidade, da maior ou menor capacidade tolerância à frustração e dos mecanismos de defesa utilizados.

Para Marques (1999) a identificação projectiva é considerada como o principal mecanismo que dá conta do processo de diferenciação entre sujeito e objecto, que ocorre através da relação de objecto, da comunicação entre realidade interna e externa. A identificação projectiva determina a natureza e a importância da relação com a percepção, a realidade externa, o objecto passa a ser considerado como essencial para a constituição, construção e desenvolvimento do sujeito.

A identificação projectiva e a projecção implicam a diferenciação e a comunicação com os objectos, na projecção considera-se que existe diferenciação entre sujeito e objecto, na identificação projectiva o mesmo não acontece, o sujeito encontra-se num estado de indiferenciação e de confusão. Todavia, este estado de confusão acaba por ser fundamental para a comunicação, a criatividade, a simbolização e crescimento (Marques, 1999).

É através do Rorschach que se pode constatar a manifestação e a qualidade da identificação projectiva e, conseqüentemente, a qualidade das relações, ligações e transformações entre o sujeito e o objecto externo. O Rorschach obriga a um trabalho de ligação e

transformação, através do qual se comunicam pensamentos, palavras e símbolos, que permitem constatar qual a qualidade da identificação projectiva utilizada.

A expressão ou manifestação do mecanismo de identificação projectiva no Rorschach foi estudada por vários autores. Neste estudo, as referências centram-se no trabalho desenvolvido por Paul Lerner e nos estudos realizados por Marques (1991) e por Rausch de Traubenberg, et al. (1993).

Lerner, P. e Lerner, H. (1980, cit. por Lerner, 1988) partindo da definição do mecanismo de identificação projectiva avançada por Kernberg, de que partes do Eu são clivadas e projectadas no objecto externo para o seu controlo, consideraram que o mecanismo de identificação projectiva se manifestava no Rorschach através de duas formas: respostas confabuladas que envolvem a figura humana em que a cotação ao nível da forma é fraca (F-) ou imprecisa (F±); respostas em que a figura humana ou detalhes da figura humana (Dd ou Do) aparecem com o determinante FC e a figura é descrita como sendo agressiva ou objecto de agressão. Nestes dois tipos de respostas observa-se: a externalização de partes do Eu com a desconsideração das características perceptivas da mancha; a fragilidade dos limites entre Eu e o objecto; a necessidade de controlar o objecto.

Cooper (1983, cit. por Lerner, 1988) também procurou estudar a manifestação da identificação projectiva no Rorschach. Considera que este mecanismo defensivo envolve: fantasias de colocar uma parte perigosa ou ameaçada do Eu no Outro para a controlar ou destruir; empatia com os objectos em quem projectou os aspectos agressivos do Eu; hipervigilância a ameaças externas acompanhada por expressões de raiva primitiva.

Segundo o autor, além de se considerar as respostas de figura humana, tal como apresentadas por Lerner, P. e Lerner, H., deve-se igualmente considerar as respostas com conteúdos de percepção animal, objectos e elementos naturais. Por exemplo, as descrições em que animais ou objectos são capazes de colocar substâncias perigosas noutros (aranhas, cobras venenosas, etc.), são consideradas como indicadores da fantasia de colocar a parte ameaçada do Eu no Outro para o seu controlo e destruição.

Posteriormente, Lerner (1988) considerou quatro tipos de respostas nas quais se pode observar a expressão do mecanismo de identificação projectiva.

As respostas confabuladas que envolvem a figura humana e em que a cotação ao nível da forma é fraca ou imprecisa: o que é percebido é fortemente investido de elaboração

associativa, ao ponto de as verdadeiras propriedades das manchas serem desconsideradas e substituídas por fantasias e afectos, indicador da vivência regressiva das relações objectais, da dificuldade em delimitar o Eu – por exemplo a tendência para a confusão entre uma ideia e outra, esta perda de limites, é semelhante à confusão entre Eu e Objecto –, e da projecção das partes negadas do Eu no Outro.

As respostas em que a figura humana ou detalhes da figura humana aparecem com o determinante FC e a figura é descrita como sendo agressiva ou objecto de agressão: a inclusão de C (ou C') reflecte uma hipervigilância, hipersensibilidade e vulnerabilidade como resultado da necessidade de controlo das ameaças externas, da tendência para a comunicação pré-verbal – centrada no visual, nos gestos e na expressão emocional, tal como nas primeiras relações objectais –, e da capacidade de empatia – capacidade de perceber as emoções e as tensões dos outros, a que precede o desenvolvimento da capacidade de comunicar esses estados emocionais através da linguagem –, os sujeitos que apresentam respostas Dd ou Do, FC com conteúdos agressivos mas que não incluem confabulações, demonstram a utilização de uma identificação projectiva mais evoluída, na qual, não apresentam confusão na delimitação do Eu, conseguem ver o exterior como perigoso, empatizam com as potenciais fontes de perigo e compreendem a comunicação pré-verbal, na qual, a projecção de partes do Eu ou experiências internas é utilizada como forma de expressar o que não se consegue comunicar de outra forma.

As respostas nas quais uma figura humana coloca uma substância ou sentimento noutra figura humana com o objectivo de a controlar, destruir, proteger ou reparar: corresponde à projecção de partes indesejadas do Eu no Outro para o seu controlo, destruição ou reparação, considerando-se não só a figura humana, mas também as respostas com conteúdos de percepção animal e objectos, tal como referiu Cooper (1983, cit. por Lerner, 1988).

E por fim, *as respostas humanas em que o assunto está centrado no comportamento da figura percebida, na atribuição de atributos e acções fabulizadas em vez dos inerentes ao próprio percepto, e a pouca frequência de interacções humanas:* estas respostas reflectem a perda da capacidade de objectividade, de separação e de perspectiva, sugerindo dificuldades na manutenção dos limites do Eu nas relações interpessoais (Mayman, 1967, cit. por Lerner, 1988), a pouca frequência de interacções também reflecte a presença de uma relação de objecto, que necessita de pressionar o Outro a experienciar o objecto interno projectado.

A manifestação do mecanismo de identificação projectiva no Rorschach, entre a população adolescente, pode ser observada nos resultados obtidos nas investigações realizadas por Marques (1991) e por Rausch de Traubenberg, et al. (1993).

Nestas investigações, a identificação projectiva surge através da existência ou não da diferenciação entre sujeito e objecto e pela qualidade da relação com a realidade externa. Através da relação de objecto, da comunicação entre realidade interna e externa pode-se constatar se existe diferenciação entre sujeito e objecto ou um estado de indiferenciação e de confusão, ou se existe contacto ou afastamento com a realidade perceptiva.

A partir dos resultados alcançados nestas investigações pode-se concluir que geralmente os adolescentes, apesar de apresentarem fragilidades ao nível da diferenciação dos objectos e dificuldades de adaptação à realidade perceptiva, evidenciam capacidades de ligação, de integração e de construção, pela utilização da identificação projectiva numa dimensão comunicativa, no intuito de conservar a integridade e coesão posta em causa pelo processo maturativo. É a partir da identificação projectiva na dimensão comunicativa, que os adolescentes conseguem estabelecer comunicação com o exterior e potenciar a criatividade, a simbolização e o desenvolvimento.

Em suma, o mecanismo de identificação projectiva surge no Rorschach com dimensões diferentes, a comunicacional e a defensiva, ou seja, pode reflectir a capacidade de o sujeito compreender emoções, sentimentos, comportamentos e construir símbolos, mas por outro lado, pode reflectir a tentativa de negar e controlar a realidade psíquica indesejada.

Enquanto que a utilização da identificação projectiva na dimensão comunicativa permite a troca com o exterior, dá-se um equilíbrio entre interno e externo, entre projecção e introjecção, que promove o desenvolvimento da capacidade de simbolização e de pensar os pensamentos, levando ao crescimento do sujeito. A utilização da identificação projectiva na dimensão defensiva dificulta a troca com o exterior, existe um bloqueio das introjecções e uma rejeição do exterior como defesas do Eu. O seu uso excessivo acaba por prejudicar a integridade do Eu, impossibilitando a diferenciação entre o Eu e os objectos, entre realidade e fantasia, provocando o empobrecimento do pensamento verbal e abstracto, conduzindo ao pensamento concreto e a más interpretações da realidade, devido à perda da capacidade de pensamento simbólico.

No Rorschach, a identificação projectiva manifesta-se nas respostas confabuladas em que a qualidade da representação é fraca ou imprecisa, o que é percebido é fortemente investido de elaboração associativa, fantasias e afectos, desconsiderando as características perceptivas das manchas pela projecção das partes negadas do Eu.

Nas respostas em que aparecem o determinante sensorial e a presença de agressividade, manifesta ou latente, devido à capacidade empática ou a uma hipervigilância, hipersensibilidade e vulnerabilidade a ameaças externas e à tendência para a comunicação não-verbal, na qual, a projecção de partes do Eu surge como forma de expressar o que não conseguem comunicar de outra forma.

Nas respostas em que uma substância ou sentimento é colocado no Outro, ou seja, na projecção de partes indesejadas do Eu, para o seu controlo, destruição ou reparação.

Nas respostas em que a temática centra-se na atribuição de atributos e acções fabulizadas, desconsiderando o próprio percepto, e na pouca frequência de interacções humanas, devido à perda da capacidade de objectividade, de separação e de perspectiva que impossibilita a manutenção dos limites do Eu nas relações interpessoais.

6. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

A partir da hipótese que o suicídio na adolescência resulta de uma falha do funcionamento psicológico, caracterizada pelo uso excessivo do mecanismo de identificação projectiva, que impede a elaboração psíquica das experiências emocionais, recorreu-se a um protocolo Rorschach de um adolescente que tentou o suicídio para se verificar se o uso excessivo do mecanismo de identificação projectiva caracteriza o seu funcionamento psicológico.

Entenda-se por uso excessivo do mecanismo de identificação projectiva, quando a identificação projectiva aparece numa dimensão defensiva, como tentativa de negar e controlar a realidade psíquica indesejada. A sua utilização excessiva fragiliza a integridade do Eu, impossibilitando a diferenciação entre o Eu e o objecto, entre realidade e fantasia, e provoca o empobrecimento do pensamento verbal e abstracto, conduzindo ao pensamento concreto e a más interpretações da realidade, devido à perda da capacidade de pensamento simbólico.

A partir do processo resposta Rorschach pode-se constatar se o sujeito apresenta fragilidades identitárias e relacionais, dificuldades de simbolização, representação e diferenciação dos objectos, que impossibilitem a elaboração psíquica das experiências emocionais e a integração e adaptação ao processo adolescente.

A análise e interpretação do protocolo irá realizar-se em três momentos: inicialmente com a análise resposta a resposta e cartão a cartão; seguido da análise de elementos de cotação do psicograma; finalizando com a integração e síntese dos elementos recolhidos, caracterizando o funcionamento psicológico do sujeito.

A cotação das respostas está sujeita a determinados princípios de cotação, dos vários elementos de cotação contidos no psicograma destacam-se essencialmente: os *modos de apreensão*, referem-se à localização da resposta na mancha, que pode ser simples ou complexa; os *determinantes*, referem-se às características do estímulo que determinaram a resposta, podendo ser uma característica perceptiva, sensorial ou cinestésica; os *conteúdos*, referem-se ao descritivo atribuído, podendo ser específico ou simbólico.

Em seguida são apresentados de forma sucinta os principais elementos de análise utilizados, cuja fundamentação já foi abordada por diversos autores (Rausch de Traubenberg, 1975:1983; Lerner, 1988; Chabert, 1998; Marques, 1999), constituindo-se como organizadores de

análise: a *representação do Eu*, a *expressão dos afectos*, a *percepção da realidade* e a *representação das relações*.

Ao nível da representação do Eu, procura-se verificar se os novos objectos construídos pelo sujeito respeitam os limites entre o interior e o exterior, entre o subjectivo e o objectivo, ou se existe um sobreinvestimento das fronteiras, manifestado pelo predomínio do modo de apreensão global (G), denunciando a ausência de limites e a confusão entre o Eu e o Outro. A capacidade ou incapacidade de estabelecer fronteiras entre o Eu e o Outro, entre a realidade e a fantasia, observa-se pelo predomínio dos determinantes com boa qualidade formal (F+, K+) ou com uma fraca ou má qualidade formal (F±, F-). Através dos conteúdos apresentados pretende-se constatar se existe fragilização da representação do Eu, pelo predomínio ou ausência de representações humanas (H%), pelas imagens em que a identidade das mesmas aparece ameaçada na sua integridade, constatar ainda se existe ou não dificuldade na escolha identificatória, pela atribuição ou não de uma identidade sexual às personagens. Também se procura constatar se atributos ou sentimentos indesejados aparecem projectados nas personagens, para o seu controlo, destruição ou reparação.

A representação do Eu ao manifestar fragilidades e vulnerabilidades ao nível da integridade e delimitação do Eu, revela um sentimento de perda de coesão que obriga a um trabalho de reconstrução do Eu, que se manifesta pela oscilação entre movimentos regressivos e progressivos, considerando-se o predomínio dos movimentos regressivos o resultado da dificuldade sentida na reconstrução do Eu, na constituição do Eu com limites estáveis e bem delimitados.

Ao nível da expressão dos afectos e controlo dos impulsos, procura-se observar a manifestação de uma expressão emocional com controlo dos afectos (FC, FE, FClob), em que a realidade interna é controlada através da percepção objectiva da realidade externa, demonstrando uma capacidade de elaborar as tensões emocionais e revelando o equilíbrio comunicacional entre o interior e o exterior, entre a realidade interna e a realidade perceptiva, ou se pelo contrário se constata uma grande reactividade ao mundo exterior, marcada pela dificuldade ou incapacidade de controlo dos afectos (CF, EF, C, E, Clob), revelador da existência de tensões internas e da dificuldade em elaborar essas tensões emocionais. O aparecimento de conteúdos com a manifestação da agressividade (cartões II e III), quer como agressor ou como objecto de agressão, foi considerado como revelador das dificuldades sentidas no controlo dos impulsos agressivos.

A capacidade de controlo emocional observa-se quando os sujeitos apresentam um funcionamento flexível, um equilíbrio comunicacional entre o interno e externo, entre fantasia e realidade, com a alternância entre determinantes formais, sensoriais e cinestésicos com boa qualidade formal. A dificuldade de controlo emocional constata-se nos sujeitos que apresentam um funcionamento rígido, pela manifestação de uma sucessão rígida ou incoerente na abordagem da mancha, pelo predomínio de determinantes sensoriais sem controlo formal ou pelo uso excessivo da realidade objectiva como forma de atenuar e organizar as tensões internas. Outros elementos que também se consideram como reveladores da dificuldade no controlo emocional das tensões internas são: o número de respostas (R% baixo ou elevado), a recusa de resposta, um tempo de latência de resposta muito baixo ou elevado, comentários depreciativos, críticos ou hesitantes.

Ao nível da percepção da realidade, procura-se constatar se existe um reconhecimento de uma imagem perceptiva e do conteúdo latente dos cartões, nomeadamente, o simbolismo relacional (cartões II, III, VII) e identitário (cartões I e V), revelador da capacidade de integração e adaptação à realidade externa, do equilíbrio entre a realidade subjectiva e a realidade objectiva, pela alternância dos determinantes com boa qualidade formal e o reconhecimento do conteúdo perceptivo frequentemente utilizado (Banalidades). Ou se existem dificuldades de adaptação e integração na realidade, manifestadas pela presença de confabulações ou contaminações, pelo predomínio de determinantes com pouca qualidade formal, pela dificuldade em reconhecer o conteúdo perceptivo frequentemente utilizado, isto é, quando os novos objectos são construídos sob a influência da actividade fantasmática e a desconsideração da realidade perceptiva.

Ao nível da representação das relações, procura-se constatar de que forma é experienciada a relação com o Outro, uma relação objectal ou narcísica, libidinal ou agressiva. A representação das relações em que as cinestésias aparecem com boa qualidade formal, demonstra a capacidade de elaboração do sujeito, o equilíbrio entre percepção e projecção, entre realidade e fantasia. A presença da simetria ou a referência ao duplo, reflexo, espelho, nos cartões relacionais (II, III, VII) pode revelar fragilidades identitárias e relacionais, ou seja, a simetria pode ser interpretada como uma necessidade de figurar e organizar a mancha ou como um resultado de fragilidades identitárias, que leva à reprodução do Outro igual a si devido à dificuldade de diferenciação entre o Eu e o Outro ou da dificuldade em aceitar o Outro como diferente. A pouca frequência de interacções humanas, demonstra a impossibilidade de manter os limites do Eu nas relações

interpessoais devido à perda da capacidade de objectividade e de separação. Também se pretende constatar se nas relações representadas aparece a projecção de uma substância ou sentimento colocado no interior do Outro, para o seu controlo, destruição ou reparação.

Estes elementos de análise, encontram-se sintetizados e distribuídos na Tabela 1. em função dos organizadores utilizados e da dimensão da identificação projectiva utilizada.

	Identificação Projectiva Comunicativa	Identificação Projectiva Defensiva
Representação do Eu (Identidade, Identificação, Imagem corporal)	Predomínio de G e D; F+, K+; H%, A% normal;	G elevados; presença de Dd ou Do; Sim; F%, F+% baixo ou elevado; H% baixo ou elevado; Hd, Ad;
Expressão dos Afectos (Controlo dos Impulsos)	FC, FE, FClob	R baixo ou elevado; T.Lat. baixo ou elevado; recusa; C, CF, E, EF, Clob;
Percepção da Realidade	Poucos F±, F-; F+, K+; Ban;	DG; D/G; D(G); F%, F+% baixo ou elevado; poucas ou muitas Ban;
Representação das Relações	Predominio de K+; Kan+; H%, A%;	K elevado ou muito baixo e geralmente é K-; Kan-, kp, kob; Sim; presença de agressividade; (H), (A);

TABELA 1. Conjunto de elementos de análise da identificação projectiva.

Após a análise e interpretação dos dados recolhidos no protocolo, irá se realizar a integração e síntese dos mesmos, realçando qual a capacidade de adaptação e integração do sujeito à realidade e ao novo, a capacidade de construção e reconstrução de símbolos e de novos objectos, resultado da oscilação entre movimentos regressivos e progressivos e da troca entre o interior e o exterior, entre o subjectivo e o objectivo.

Procurar-se-á descrever se o funcionamento psicológico do sujeito é caracterizado pelo uso da identificação projectiva na sua dimensão comunicativa, revelada pela capacidade de elaboração, adaptação e integração à realidade, ou se pelo uso excessivo da identificação projectiva defensiva, em que as fragilidades identitárias e relacionais, as dificuldades de simbolização, representação e diferenciação dos objectos, impossibilitam a elaboração psíquica das experiências emocionais e dificultam a integração e adaptação ao processo adolescente.

7. SUJEITO

De entre vários protocolos, disponíveis numa base de dados de metodologia Rorschach, seleccionou-se aleatoriamente um protocolo de um adolescente que tivesse tentado o suicídio.

O sujeito escolhido é um adolescente do sexo feminino, com 16 anos de idade, ao qual se atribuiu o nome de Patrícia.

Sabe-se que a Patrícia tem ideação suicida, teve comportamentos que colocaram em perigo a sua vida, designadamente auto-mutilações (corte de pulsos) e uma vez cortou os pulsos com deliberada intenção de morrer. Estes comportamentos podem ser considerados como comportamentos para-suicidas ou tentativas de suicídio que poderiam ter causado a morte da adolescente.

8. APRESENTAÇÃO DOS DADOS RORSCHACH

8.1. Análise Resposta a Resposta e Cartão a Cartão

O *Cartão I* marca o primeiro contacto com a prova, com a realidade desconhecida, é onde o sujeito revela a sua capacidade de adaptação ao novo. É um cartão que reactiva a primeira relação objectal e, por outro lado, remete para a representação da imagem corporal. A Patrícia inicia a abordagem ao cartão com um tempo de latência de resposta reduzido e com uma crítica subjectiva ao material, “*Que coisa tão esquisita, não se parece com nada...isto é estúpido*”, revelador de uma tensão interna provocada pelo impacto do objecto externo sem significado preciso, sinal da sua dependência pelo exterior para controlar a realidade interna. Com uma certa precaução ou hesitação refere “*o símbolo do paraquedismo*”, excluindo um detalhe raramente interpretado e minimizando uma qualidade perceptiva da mancha, “*asinhas*”, na tentativa de anular o impacto da mesma. A Patrícia revela uma certa dificuldade na adaptação à realidade externa, pela ausência da banalidade e de boa qualidade formal, e manifesta fragilidades ao nível da representação de uma imagem corporal integra.

O *Cartão II* reactiva os modos relacionais e mobiliza os investimentos libidinais e agressivos. A Patrícia inicia a sua resposta referindo-se a “*dois cães*” e rapidamente corrige para “*dois rinocerontes*”, repare-se que inicialmente invoca animais dóceis e posteriormente animais agressivos, tentando em seguida minimizar o impacto agressivo dos mesmos mencionando “*corninhos*”. Ao mencionar dois iguais e ao não introduzir movimento na sua resposta, a Patrícia demonstra alguma dificuldade ao nível das relações interpessoais, no confronto com o outro diferente, por isso vai retirar ou imobilizar a dinâmica relacional sugerida pelas características perceptivas do cartão para negar a agressividade relacional, confirmada pela não inclusão e recusa da cor vermelha na resposta. No inquérito, as defesas utilizadas revelam-se insuficientes para conter o movimento projectivo e altamente destrutivo, “*no vermelho, enfim, não vejo nada, deram-lhes um tiro e fez pum*”, revelador da dificuldade para conter os impulsos mais agressivos.

No *Cartão III* a Patrícia demonstra novamente uma dificuldade ao nível das relações interpessoais, utiliza o mesmo movimento defensivo no qual imobiliza a dinâmica relacional contida no cartão, “*dois senhores*”. Este cartão remete para a representação de si na relação com

o Outro e para questões ligadas à identificação. Ao referir novamente dois iguais, confirma a presença de fragilidades identitárias, fragilidade na representação de uma imagem corporal íntegra e com limites bem delimitados, que impossibilita a manutenção dos limites do Eu na relação com o Outro e que, por isso, levam a mencionar o Outro como igual para manter a unicidade. Ao nível da escolha identificatória constata-se a referência ao masculino, revelador de dificuldades na aceitação da sua identidade sexual e/ou o recalçamento de alguma características perceptiva que tenha determinado a sua escolha. Também se pode considerar, que esta escolha identificatória manifesta a existência de uma relação desadaptada com uma figura parental, caso se considere que o conteúdo simbólico do cartão remete para a relação com as figuras parentais, a representação “*vasos*” durante o inquérito pode simbolizar a ausência do objecto contentor. Neste cartão a Patrícia, excepcionalmente, dá uma segunda resposta, embora com precaução, interpreta um detalhe lateral vermelho, “*parece um estômago*”, onde se evidencia a ausência do envelope corporal, de uma barreira de protecção que delimite o interno do externo, demonstrando assim a sua preocupação com a integridade corporal.

O *cartão IV*, remete para questões ligadas à autoridade, para uma imagem de força, podendo esta estar associada a uma figura parental. Ao mesmo tempo, remete para a integração de uma imagem corporal bem delimitada. No primeiro contacto com o cartão, a Patrícia faz uma cara de desagrado e mau-estar, seguindo-se um tempo de latência de resposta que pode ser interpretado como uma reacção de choque às características perceptivas do cartão, designadamente a cor preta, talvez por isso foi referido como um dos cartões que menos gostou. Ao referir “*um pássaro com pés*” tenta minimizar e desvalorizar o impacto produzido pela mancha, revelador de uma tensão interna que a impede de manter o contacto com a realidade objectiva, confirmado pela ausência da banalidade. Ao mesmo tempo, também manifesta a ausência da integridade da imagem corporal, revela dificuldades em representar uma imagem corporal em que as diferentes partes estão integradas num todo coerente e claramente definido.

No *cartão V*, tal como no anterior, a Patrícia manifesta dificuldades em representar uma imagem corporal íntegra com limites bem delimitados, revelador de uma tensão interna relacionada com a falta de integridade do Eu. Este cartão remete para questões relacionadas com a representação do Eu, com a identidade, imagem corporal e sentimento de integridade. A Patrícia ao mencionar “*uma mistura de gazela com caracol e borboleta*”, demonstra uma representação do Eu confusa, imprecisa e depreciativa. A realidade interna perturbadora, conduz

a um investimento nos detalhes perceptivos, ao referir isoladamente as suas diferentes partes, que acabam por influenciar e impossibilitar a adaptação à realidade objectiva, confirmada pela ausência da banalidade e de boa qualidade formal. Repare-se que na figura construída encontram-se simbolicamente representadas características opostas, tais como, o tamanho corporal pequeno/grande e o facto de ser frágil/forte, passivo/activo, revelador de uma clivagem do Eu, em que a representação do Eu é marcada pela presença de características contraditórias.

No *cartão VI* a Patrícia, após alguns segundos de tempo de latência, volta a manifestar uma preocupação centrada na questão da integridade corporal, num cartão que remete para o corpo sexuado, para a integração da bissexualidade. Considerando-se que, por um lado, o simbolismo sexual pode ter sido subtilmente reconhecido, efeitos do recalçamento, ao referir “*uma tartaruga*”, por outro lado, evidência novamente uma preocupação com o envelope corporal, pela necessidade de uma barreira de protecção que delimita o Eu dos objectos, que proteja o corpo sexuado, demonstrando mais uma vez a fragilidade do Eu. Esta realidade interna perturbadora que invade o Eu, impossibilita a adaptação e integração à realidade objectiva.

O *cartão VII* remete para o simbolismo da relação com o materno, para a imagem feminina. A Patrícia refere de imediato uma representação com conteúdo regressivo, aludindo às primeiras relações com o objecto precoce, “*dois coelhos a brincar...baloços*”, voltando a manifestar dificuldades na escolha e identificação do feminino, defensivamente desloca para imagens de animais uma representação significativa de uma relação maternal. Apesar de se constatar neste cartão um maior equilíbrio entre a realidade perceptiva e a realidade interna, principalmente porque pela primeira vez surge o reconhecimento de uma dinâmica relacional, a adaptação à realidade objectiva é prejudicada pelas tensões internas.

No *cartão VIII* constata-se um tempo de latência mais elevado relativamente aos outros cartões, resultado do impacto da cor do cartão. É um cartão que remete para o tipo de comunicação e adaptação ao mundo exterior e social. A Patrícia apesar de referir a banalidade do cartão, manifesta uma adaptação forçada à realidade exterior, existe uma fusão ou sobreposição de imagens que dá origem a uma representação desadaptada da realidade, “*dois fuinhas a dar a volta ao mundo*”. A Patrícia demonstra uma certa dificuldade em controlar os impulsos agressivos, ao referir dois animais pequenos e ao minimizar o detalhe perceptivo dos mesmos, “*essas coisinhas vermelhas*”, e mais tarde durante o inquérito refere que eles “*são bastante grandes*”, manifesta uma tentativa de negar e anular o verdadeiro impacto da mancha. A

dependência perceptiva, a dificuldade em separar os detalhes laterais do resto da figura, a necessidade de anular os afectos agressivos associados à representação, conduzem a uma representação desajustada da realidade, que a própria Patrícia reconhece durante o inquérito e que todavia foi incapaz de modificar.

O *cartão IX* remete para um simbolismo maternal, para um movimento regressivo, podendo este ser experienciado de forma positiva ou negativa. Neste cartão a Patrícia também deu um tempo de latência longo, provocado pelo o impacto das cores e pela ausência de um significado preciso, seguindo-se um sorriso que acusa o reconhecimento de uma representação significativa, que no entanto só aparece simbolicamente representada no aspecto formal da resposta, ao interpretar o detalhe no interior da mancha como “*uma passagem*”, manifesta o recalçamento de um investimento no registo simbólico fálico. Neste cartão, a Patrícia revela um maior equilíbrio entre a realidade interna e a realidade externa, o trabalho defensivo e o apego a algumas características da mancha possibilitaram a adaptação à realidade externa.

No *cartão X* a Patrícia volta a dar um tempo de latência longo, resultado do impacto das cores e da dispersão da mancha, revelador da sua dependência às qualidades perceptivas da mancha para a construção de novos objectos, num cartão que remete para a capacidade de separação e integração. Constata-se novamente uma dificuldade em construir novos objectos e uma necessidade de integrar e unificar a dispersão da mancha, ao referir “*um arco e um jardim...por causa das cores*”, demonstra a dificuldade em construir objectos com limites bem delimitados e uma fragilidade das fronteiras do Eu que dificulta a diferenciação dos objectos. Apesar de se constatar um equilíbrio entre a realidade interna e a realidade externa, onde através de um movimento regressivo consegue uma adaptação à realidade externa, as tensões internas conduzem a uma inibição defensiva no contacto com o exterior, revelador das dificuldades de adaptação ao mundo exterior. Repare-se que durante o inquérito as defesas utilizadas voltam a fracassar quando refere “*a cabeça de um jumento*”, uma representação sem qualidade formal, sem integridade corporal e com uma agressividade simbolicamente projectada, podendo esta ter sido dirigida ao examinador.

8.2. Análise do Psicograma

Nesta análise dos elementos do psicograma, consideraram-se apenas aqueles elementos que se destacaram e que se consideram mais relevantes para o estudo.

Pode verificar-se um número muito reduzido de respostas, reflectindo-se numa diminuição do tempo total de aplicação, revelador de um fraco investimento e de dificuldades em representar, simbolizar e construir novos objectos, devido ao impacto projectivo dos cartões. No inquérito deu três respostas adicionais, revelando um maior investimento todavia dominado pela invasão da realidade interna. Esta tensão interna provocada pelo impacto das manchas constata-se também por um aumento do tempo de latência de resposta e pelas críticas ao objecto.

A inibição manifestada no protocolo também se pode constatar através dos modos de apreensão, verifica-se uma utilização excessiva da apreensão global da mancha e uma percentagem reduzida de respostas de detalhes perceptivos, revelador das fragilidades dos limites do Eu que dificultam a diferenciação e separação dos objectos e que impossibilitam o investimento e a adaptação ao mundo exterior. Repare-se que apesar da percentagem elevada de representações em apreensão global, constata-se um reduzido número de banalidade, evidenciando a dificuldade de adaptação e integração social.

Pode constatar-se que a maioria das representações foram determinadas pelo determinante formal, manifestando uma certa dependência pelas qualidades perceptivas das manchas, a falta de qualidade formal nessas respostas demonstram uma dificuldade na adaptação à realidade exterior, resultado da invasão do mundo interno sobre o mundo externo. Verificou-se, também, um reduzido número de cinestésias e a inexistência de dinâmica relacional entre imagens humanas, revelador das dificuldades sentidas na relação com os outros, dá-se uma recusa da relação com o Outro devido à fragilidade das fronteiras do Eu. As poucas representações humanas e os conteúdos híbridos confirmam as dificuldades ao nível da identidade, identificação e imagem do Eu.

Neste psicograma, também se pode observar um número reduzido de respostas determinadas pela cor, podendo reflectir o controlo da expressão dos afectos, repare-se que até nos últimos cartões a reacção à cor não se reflecte no número de respostas. No entanto, constata-se uma reactividade sensorial aos cartões pastel manifestada no aumento do tempo latência e, durante o inquérito no cartão II, verifica-se uma perda do controlo emocional (C puro). Ou seja,

o valor do TRI seria diferente (extratensivo puro), tal como o índice de angústia (>12), caso não se considerasse a única grande cinestesia, dada por defeito no cartão III, e se contabilizasse o C puro da resposta adicional. Assim, pode afirmar-se que existe uma tentativa de controlo da expressão emocional, através do investimento na realidade perceptiva como forma de atenuar as tensões internas.

Esta tentativa de controlar a emergência de tensões internas, provocadas pelo impacto projectivo dos cartões, a partir do investimento perceptivo, também se pode observar pela sucessão incoerente na abordagem aos cartões. Embora se registre uma percentagem elevada de repostas com apreensão global da manchas, em alguns casos, verifica-se que a apreensão inicial da mancha é marcada pelo investimento num detalhe perceptivo que conduz a uma apreensão global abusiva.

Concluindo, este conjunto de elementos destacados do psicograma evidenciam pouca criatividade e pouca exploração do material, revelador de uma dificuldade em representar, simbolizar e construir novos objectos, motivada pela emergência de tensões internas provocadas pelo impacto projectivo dos cartões. Estes dados revelam fragilidades ao nível do Eu e no controlo da expressão emocional e dificuldades relacionais e de adaptação à realidade.

Em suma, a partir da expressão da adolescente, das representações e da criação de símbolos, da relação, comunicação e ligação entre o interno e o externo, pode observar-se um funcionamento psicológico caracterizado por dificuldades ao nível da representação do Eu, da expressão dos afectos, das relações interpessoais e da adaptação à realidade externa.

Ao nível da representação do Eu, constata-se uma fragilização da representação do Eu, pelas poucas referências a representações humanas (H%) e pelas representações em que as imagens aparecem ameaçadas na sua integridade (cartão I, IV e V). Esta dificuldade de representar a integridade da imagem corporal também se manifesta pelo predomínio do modo de apreensão global (G%), revelador das fragilidades dos limites do Eu que dificultam a diferenciação e separação dos objectos. Esta dificuldade de diferenciação e separação dos objectos, impede a construção de novos objectos com limites bem delimitados e conduz a um movimento de integração e unificação (cartão X). Nos cartões relacionais (cartão II e III), ao referir dois iguais confirma a presença de fragilidades identitárias que obrigam a mencionar o Outro como igual para manter a unicidade, revelador da incapacidade de manter os limites do Eu

na relação com o Outro. Esta incapacidade de estabelecer fronteiras entre o Eu e o Outro, observa-se também pelo predomínio de determinantes com má qualidade formal (F-). A fragilidade das fronteiras do Eu volta a manifestar-se com o evidenciar de uma preocupação com o envelope corporal (cartão III e VI), pela necessidade de uma barreira de protecção que delimita o interno do externo. Ao nível da escolha identificatória, demonstra dificuldade na identificação da sua identidade sexual, pela ausência de referências de imagens femininas e pela referência a imagens masculinas e de animais (cartão III e VII).

Ao nível da expressão dos afectos e controlo dos impulsos, constata-se uma tentativa de controlar a expressão emocional, através do investimento na realidade perceptiva. Mas a ausência de variação entre determinantes formais, sensoriais e cinestésicos com boa qualidade formal e a manifestação de uma sucessão incoerente na abordagem perceptiva, revelam as dificuldades sentidas em controlar a emergência de tensões internas, provocadas pelo impacto projectivo dos cartões. Estas tensões internas manifestam-se também pelo aumento do tempo de latência de resposta (cartão VIII, IX e X) e pelos comentários ou expressões faciais efectuadas (cartão I, IV e V). As defesas utilizadas com o objectivo de minimizar ou anular o impacto projectivo das manchas (cartão I, II, III e VIII), manifestam a dificuldade no controlo da expressão emocional. Nos cartões relacionais (cartão II e III), pode constatar-se a dificuldade em controlar os impulsos mais agressivos, ao imobilizar a dinâmica relacional sugerida pelas características perceptivas dos cartões, como forma de negar a agressividade relacional, confirmada pela recusa da cor vermelha na resposta e pelo movimento projectivo e altamente destrutivo, manifestado na resposta adicional no cartão II. Esta tentativa de controlar a reactividade sensorial também se manifesta pela pouca utilização de determinantes sensoriais, pela fraca produtividade nos cartões pastel e pelo aumento do tempo de latência nos mesmos.

Ao nível da representação das relações, manifesta dificuldades na relação com os outros, existe uma recusa da relação com o Outro, demonstrada pela ausência da dinâmica relacional entre imagens humanas (cartão III), ou quando aparece é sustentada por conteúdos animais num registo regressivo (cartão VII) ou agressivo (cartão II). Tal como já foi referido anteriormente, constata-se uma tentativa de controlar a agressividade nas relações interpessoais, pela anulação da dinâmica relacional sugerida pelas características perceptivas dos cartões. A resposta adicional no cartão II, manifesta uma relação objectal caracterizada pela agressividade, demonstrando a incapacidade de controlar os impulsos agressivos. Nos cartões relacionais

(cartão II e III), ao referir dois iguais confirma a dificuldade relacional, a dificuldade do confronto com o Outro diferente, revelador da incapacidade de manter os limites do Eu na relação com o Outro. Também se constata uma ausência de imagens com identificação feminina nos cartões relacionais (III e VII), podendo revelar a existência de uma relação conflituosa com a figura maternal.

Ao nível da percepção da realidade, manifesta dificuldades de integração e adaptação à realidade externa, pela dificuldade em reconhecer o simbolismo relacional (cartões II e III) e identitário (cartões I e V), pela presença de contaminações e informulações, pelo predomínio de determinantes sem qualidade formal e pela pouca presença de Banalidades. Apesar de se constatar um equilíbrio entre a realidade interna e a realidade externa, onde através de movimentos regressivos consegue uma adaptação à realidade externa (cartão VII, IX e X), as tensões internas conduzem a uma inibição defensiva no contacto com o exterior que prejudicam a adaptação ao mundo exterior. A existência de uma dependência perceptiva e de uma relação desadaptada à realidade objectiva, motivada pela invasão de uma realidade interna perturbadora, acaba por dificultar a adaptação e integração social.

Concluindo, a adolescente apresenta um funcionamento psicológico caracterizado por fragilidades identitárias e relacionais, por dificuldades de simbolização, representação e diferenciação dos objectos, que dificultam a elaboração psíquica das experiências emocionais e a integração ao processo adolescente.

Normalmente, os adolescentes apresentam fragilidades ao nível da representação da identidade, representação das relações e dificuldades no controlo emocional e adaptação à realidade. No entanto, apresentam um funcionamento psicológico flexível, com um equilíbrio comunicacional entre o interno e externo, entre fantasia e realidade, com a alternância entre determinantes formais, sensoriais e cinestésicos com boa qualidade formal, evidenciando a presença de defensas adaptativas que possibilitam ultrapassar de forma positiva as tensões sentidas neste período do desenvolvimento.

Esta adolescente, ao evidenciar dificuldades ao nível da representação do Eu, representação das relações, controlo emocional e adaptação à realidade, ao apresentar pouca variação entre os determinantes formais, sensoriais e cinestésicos e com má qualidade formal, defesas rígidas e dificuldades de simbolização, representação e diferenciação dos objectos, manifesta a presença de um funcionamento psicológico caracterizado pelo uso excessivo do

mecanismo de identificação projectiva defensiva, que impossibilita a integração e adaptação ao processo adolescente.

A utilização da identificação projectiva defensiva dificulta a troca com o exterior, existe um desequilíbrio entre interno e externo, em que a realidade interna invade o sujeito e rejeita o exterior como defesa do Eu. O seu uso excessivo prejudica a integridade do Eu, impossibilitando a diferenciação entre o Eu e os objectos, entre realidade e fantasia, provoca o empobrecimento do pensamento simbólico e origina más interpretações da realidade.

A adolescente perante as dificuldades de simbolização e representação do objecto e ao sentir o perigo da perda representacional, utiliza os objectos externos, a percepção e o que significam, para suprimir a ausência da representação do objecto. Por isso, ao perder o objecto perde também a sua representação e, conseqüentemente, perde a integridade do Eu, na medida em que é o exterior que permite a construção e a conservação do sentimento de integridade.

Ao apresentar um funcionamento psicológico baseado no uso excessivo da identificação projectiva defensiva, a adolescente manifesta uma dependência pelo objecto externo, que dificulta a diferenciação e formação de um Eu estável, com uma identidade-identificação fixa e com capacidades para lidar com as experiências emocionais. Sendo a adolescência um período de transição e de transformações, em que ocorrem mudanças ao nível corporal, intelectual e relacional, geradoras de tensões internas e externas, que obriga a novos processos de ligação, transformação e simbolização, constata-se que esta adolescente apresenta dificuldades em consolidar as transformações que ocorrem durante este período do desenvolvimento.

9. DISCUSSÃO

Neste estudo pretendeu-se revelar o funcionamento psicológico do adolescente suicida e, tal como esperado, constatou-se que o funcionamento psíquico do adolescente é caracterizado pelo uso excessivo do mecanismo de identificação projectiva, que impede a elaboração psíquica das experiências emocionais durante o processo adolescente.

O adolescente apresenta dificuldades de simbolização, representação e diferenciação dos objectos, que impossibilitam a diferenciação do objecto primário e a constituição de um Eu estável com capacidades para lidar com as experiências emocionais (Ladame, 1981, cit. por Marcelli, 2002; Laufer, M., 1995/2000; Laufer, M. E., 1995/2000; Jeammet & Birot, 1994).

O adolescente revelou fragilidades ao nível da representação do Eu, representação das relações, controlo emocional e adaptação à realidade, tal como foi observado noutras investigações com adolescentes normativos (Marques, 1991; Rausch de Traubenberg, et al., 1993; Emmanuelli, 2001). Todavia, nessas investigações os adolescentes apresentaram mecanismos adaptativos que revelavam a capacidade de elaborar as tensões sentidas durante a adolescência, o que não se verificou no presente estudo.

Pode constatar-se que nessas investigações o mecanismo de identificação projectiva aparece numa dimensão comunicativa, existe troca com o exterior e um equilíbrio entre o interno e o externo, entre projecção e introjecção. Enquanto que no presente estudo, o mecanismo de identificação projectiva aparece numa dimensão defensiva, pela dificuldade na troca com o exterior e por um desequilíbrio entre interno e externo, devido ao bloqueio das introjecções e à rejeição do exterior como defesas do Eu. O uso excessivo da identificação projectiva na dimensão defensiva prejudica a integridade do Eu, impossibilitando a diferenciação entre o Eu e os objectos, entre realidade e fantasia, provoca o empobrecimento do pensamento simbólico e origina más interpretações da realidade.

Marques (1991) constatou que os adolescentes apresentavam uma diminuição das tensões emocionais, maior investimento objectal, maior adequação à realidade externa e capacidade de elaboração, simbolização, organização e ligação entre realidade interna e realidade externa. No presente estudo, o adolescente demonstrou uma necessidade de controlo das tensões emocionais,

pouco investimento objectal, pouca adequação à realidade externa e dificuldades de simbolização, organização e ligação entre o interno e o externo.

Nessa investigação, Marques (1991) também constatou que o adolescente na puberdade fica mais perturbado com questões relacionadas com o corpo e a identidade/identificação subjectiva, enquanto que na adolescência propriamente dita, surgem preocupações mais relacionada com o Outro, com a realidade externa. No caso do adolescente suicida, constatou-se que não ultrapassou as questões associadas à puberdade, relacionadas com a dificuldade de representação de uma imagem do Eu integra, e ao mesmo tempo apresentou dificuldades na representação da relação com o Outro e na adaptação à realidade externa.

Esta dificuldade em representar a integridade da imagem corporal, revela as dificuldades sentidas na elaboração das transformações corporais e corrobora os resultados de Laufer, M. (1995/2000), de que o adolescente que tenta o suicídio sente o corpo como uma fonte de tensão.

A ausência da dinâmica relacional e de imagens com identificação feminina nos cartões relacionais, tende a confirmar os resultados obtidos por Jeammet e Birot (1994), ou seja, a existência de uma relação conflituosa ou desadequada com a figura parental do mesmo sexo.

A dificuldade de adaptação à realidade, manifestada pelo excesso de movimentos projectivos, sustenta a ideia de que o adolescente na altura do suicídio é incapaz de perceber as reais consequências da sua acção (Laufer, M. E., 1995/2000). A dependência pela qualidade perceptiva das manchas e as dificuldades de simbolização e representação do objecto, sugerem que a perda do objecto origina um esvaziamento das suas representações (Marcelli, 2002).

O adolescente ao manifestar uma inibição e um fraco investimento, revela as dificuldades de simbolização, de integração e de elaboração psíquica das transformações maturativas. Tal como referiu Emmanuelli (2001), a inibição surge aqui como um sinal que revela a incapacidade de estabelecer associações, resultado do desconforto e das dificuldades em elaborar psiquicamente os problemas com os quais se depara. Assim, o adolescente ao demonstrar pouca criatividade e pouca exploração do material, manifesta uma inibição e uma dependência pela qualidade exterior, reveladoras da dificuldade em representar, simbolizar e construir novos objectos.

Em relação aos mecanismos defensivos, constatou-se um funcionamento psicológico caracterizado pela utilização de mecanismos defensivos primários e mecanismos defensivos mais evoluídos, contrariando os resultados obtidos por Santos (1989) e por Jeammet e Birot (1994),

em que caracterizavam o funcionamento psicológico do adolescente suicida pela pouca frequência de mecanismos defensivos mais evoluídos. Neste estudo, o adolescente utilizou mecanismos pouco evoluídos, tais como a projecção, a clivagem e a identificação projectiva, mas também utilizou mecanismos defensivos evoluídos, tais como a anulação, formação reactiva, recalçamento, deslocamento e desvalorização.

As dificuldades sentidas pelo adolescente ao tentar negar e controlar a realidade psíquica indesejada, reactivada pelas características perceptivas e pelo impacto projectivo dos cartões, revelam o uso excessivo da identificação projectiva. Tal como Lerner (1988) descreveu, a identificação projectiva observou-se nas respostas contaminadas e informúladas (cartão V e VIII), em que a qualidade da representação é má ou imprecisa e as características perceptivas das manchas são desconsideradas devido à invasão de fantasias e afectos, nas respostas em que o determinante sensorial aparece juntamente com a agressividade manifesta (resposta adicional no cartão II) e na ausência de respostas com interacções humanas, (cartão II, III e VII), devido à perda da capacidade de objectividade, de separação e de perspectiva que impossibilita a manutenção dos limites do Eu nas relações interpessoais.

Este uso excessivo do mecanismo de identificação projectiva, manifestado pelo desequilíbrio entre interno e externo, em que existe um bloqueio das introjecções e uma rejeição do exterior, provoca dificuldades de simbolização, representação e diferenciação dos objectos, que impedem a representação de uma imagem do Eu com limites bem delimitados e com capacidade para elaborar as tensões emocionais.

Esta falha ao nível do pensamento, que conduz o adolescente a recorrer à identificação projectiva como defesa do Eu, resultou da incapacidade ou da limitação do objecto precoce em significar e transformar as suas angústias. Esta falha na relação precoce impediu o desenvolvimento da capacidade de pensar, de transformar impulsos, emoções primitivas e a realidade sensorial em elementos de pensamento e de simbolização (Bion, 1956, citado por Matos, 2005). O adolescente perante as dificuldades de simbolização e representação do objecto, recorre aos objectos externos e aquilo que significam para suprimir a ausência da representação do objecto. É o objecto externo, a relação com o Outro, que vai permitir a construção e a conservação do sentimento de integridade (Blos, 1979/1996; Bollas, 1989, cit. por Matos, 2005; Erikson, 1968, cit. por Marques, 1999; Fleming, 2005; Jeammet & Birot, 1994; Matos, 2005; Marcelli, 2002; Marques, 1999). É por isso, que ao perder o objecto ou perante a presença de um

mau objecto, recorre à identificação projectiva para defesa do Eu, face ao risco da perda da integridade do Eu devido à perda da representação do objecto.

Os resultados alcançados neste estudo revelam as dificuldades sentidas pelo adolescente suicida ao nível do desenvolvimento dos processos de separação e individuação do objecto primário, ou seja, as dificuldades na diferenciação e separação do objecto primário e na formação de um Eu estável com capacidades para lidar com as experiências emocionais, durante este período de desenvolvimento (Ladame, 1981, cit. por Marcelli, 2002; Laufer, M., 1995/2000; Laufer, M. E., 1995/2000; Jeammet & Birot, 1994). Sendo a adolescência um período de desenvolvimento caracterizado pelo estabelecimento de uma identidade estável, pela separação face ao parental e ao infantil, pelo fim da dependência familiar e a consequente aquisição de autonomia, constata-se que este adolescente apresenta grandes dificuldades em ultrapassar este período do desenvolvimento.

O adolescente ao apresentar fragilidades ao nível do Eu e dificuldades de simbolização, representação e diferenciação dos objectos, reveladas pelo uso excessivo do mecanismo de identificação projectiva, vê-se impossibilitado de consolidar a formação de um Eu estável com capacidades para elaborar as tensões emocionais. E perante a ausência de um objecto transformador, que ajude a elaborar essas tensões, surge um sofrimento psíquico insuportável que pode levar o adolescente a tentar o suicídio.

Neste sentido, os resultados deste estudo tendem a confirmar que é a capacidade ou incapacidade que o adolescente possui para lidar com as experiências emocionais, que determina a capacidade de responder de forma adequada aos factores ambientais negativos, contrariando a ideia de que o facto do adolescente estar exposto a factores ambientais negativos conduz o adolescente ao suicídio (Marcelli & Braconnier, 2005).

Da mesma forma, tendem a contrariar a ideia de que a perturbação psicológica é a principal causa do suicídio na adolescência (OMS, 2006), ou seja, as perturbações do humor, perturbações da ansiedade, abuso de substâncias e perturbações comportamentais não estão na origem do suicídio, mas sim a incapacidade do adolescente para elaborar tensões emocionais durante este período do desenvolvimento.

10. CONCLUSÃO

O principal objectivo deste estudo foi tentar contribuir para o conhecimento dos mecanismos psíquicos que caracterizam o adolescente em risco de suicídio, para que se possa actuar sobre eles e assim prevenir o suicídio. A partir do processo resposta Rorschach, instrumento capaz de evidenciar o trabalho de ligação e de transformação e a relação entre objectos internos e externos, procurou-se revelar a expressão do funcionamento psíquico do adolescente suicida.

Neste estudo, ficou demonstrado que o adolescente que tenta o suicídio apresenta falhas ao nível do funcionamento psíquico, designadamente dificuldades de simbolização, representação e diferenciação dos objectos, motivadas pelo uso excessivo do mecanismo de identificação projectiva, que impossibilita a diferenciação do objecto primário e a constituição de um Eu estável com capacidades para lidar com as tensões emocionais, durante este período do desenvolvimento.

Com este estudo foi possível dar continuidade a uma série de estudos sobre o suicídio na adolescência e contribuir para o conhecimento do funcionamento psicológico do adolescente suicida. Apesar do suicídio ser considerado como um fenómeno complexo e multideterminado, que conduziu ao aparecimento de estudos filosóficos, sociológicos, nosológicos, estatísticos, etc., a origem deste fenómeno só poderá ser realmente conhecida através de modelos psicológicos, ou seja, por via de estudos que incidam sobre os mecanismos psíquicos dos sujeitos suicidas. Será através do conhecimento do funcionamento psicológico que caracterizam os sujeitos em risco de suicídio que se poderá identificar e prevenir o risco de suicídio.

Por outro lado, este estudo também representa uma tentativa de contribuir para o aperfeiçoamento e desenvolvimento das potencialidades do Rorschach na identificação de sujeitos em risco de suicídio, dando continuidade ao trabalho desenvolvido por diversos autores. O Rorschach é um instrumento bastante utilizado em contexto de avaliação psicológica, ao ser sustentado por modelos teóricos e metodológicos bem definidos, permite aceder ao conhecimento das características psicológicas do sujeito avaliado. Neste estudo, ao contrário dos estudos quantitativos em que se procura identificar a frequência de respostas/sinais que determinem a tendência suicidária, procurou-se a partir da construção de imagens, conceitos e símbolos,

sustentados por uma narrativa, perceber a forma como o sujeito suicida expressa o seu funcionamento psicológico. Tal como refere Marques (2005), é através da relação, interpretação, comunicação e simbolização que se consegue aceder ao processo de elaboração e construção de narrativas pessoais, ao trabalho de ligação, transformação e criação entre o interno e o externo. Desta forma, foi possível através do Rorschach identificar e caracterizar falhas no funcionamento psíquico do adolescente suicida.

Então, o Rorschach ao ser capaz de identificar e caracterizar falhas no funcionamento psíquico do sujeito suicida, apresenta-se como um instrumento que pode ser utilizado em psicologia clínica para identificar sujeitos em risco de suicídio, não ficando restringida a sua utilização apenas ao diagnóstico da estrutura da personalidade.

Neste sentido, pode-se afirmar que este estudo cumpre os seus objectivos, ou seja, a tentativa de revelar o funcionamento psicológico do adolescente suicida de forma a se poder contribuir para que os técnicos de saúde mental, em contexto de avaliação psicológica, possam identificar os adolescentes em risco de suicídio e tentarem contrariar o aumento do número de suicídios na adolescência verificado em Portugal nos últimos anos (OMS, 2009). Cumprindo, assim, as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2006), que evidenciam a importância da identificação dos adolescentes em risco de suicídio para a sua prevenção.

Concluindo, este estudo realizou-se no âmbito da conclusão da formação académica, contribuindo para por em prática e para consolidar conhecimentos teóricos adquiridos durante o percurso académico. Da mesma forma, possibilitou aprofundar e adquirir novos conhecimentos relacionados com o processo adolescente, com o suicídio, com a metodologia Rorschach e com todo o processo que caracteriza uma investigação científica. Nomeadamente, a escolha e definição do objecto de estudo, a partir da literatura existente, a escolha de um método que permita recolher e analisar os dados pertinentes para o estudo, finalizando com a discussão e conclusão do estudo a partir das quais se constata se os resultados alcançados contribuíram para a produção de conhecimento. Este estudo evidenciou, ainda, a necessidade e a importância da actualização e alargamento do conhecimento adquirido, de forma a se poder dar uma resposta adequada às necessidades que possam emergir e, simultaneamente, contribuiu para fomentar o interesse pela investigação científica.

REFERÊNCIAS

- Blatt, S. J., & Ritzler, B. A. (1974). Suicide and the representation of transparency and cross-sections on the Rorschach. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 42, 280-287. Consultado em 12 de Outubro de 2008 através da base dados EBSCOHost PsycARTICLES.
- Blos, P. (1985). *Adolescência*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1962)
- Blos, P. (1996). *Transição adolescente: Questões desenvolvimentais*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1979)
- Chabert, C. (1998). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa : Climepsi Editores.
- Coimbra de Matos, A. (2001). Razões da morte; Morte da razão: Abordagem psicanalítica. In Coimbra de Matos, *A depressão* (pp.135-144). Lisboa: Climepsi Editores.
- Emmanuelii, M. (2001). Les processus de changement à l'adolescence: Apports du Rorschach. *Neuropsychiatrie de l'enfance et de l'adolescence*, 49, 232-243.
- Exner, J. E., & Wylie, J. (1977). Some Rorschach data concerning suicide. *Journal of Personality Assessment*, 41, 339-348. Consultado em 12 de Outubro de 2008 através da base dados EBSCOHost Academic Search Complete.
- Figueiredo, E., Fleming, M. & Constança, P. (1983). Psicanálise e conflito de gerações. *Análise Psicológica*, 3, 505-520.
- Fleming, M. (2003). *Dor sem nome: Pensar o sofrimento*. Porto: Edições Afrontamento.
- Fleming, M. (2005). *Entre o medo e o desejo de crescer: Psicologia da adolescência*. Porto: Edições Afrontamento.
- Fowler, J. C., Piers, C., Hilsenroth, M. J., Holdwick, D. J., & Padawer, J. R. (2001). The Rorschach suicide constellation: Assessing various degrees of lethality. *Journal of Personality Assessment*, 76, 333-351. Consultado em 12 de Outubro de 2008 através da base dados EBSCOHost Psychology and Behavioral Science Collections.
- González Rey, F. L. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios*. São Paulo: Thompson
- Grinberg, L. (2000). Suicídio. In L. Grinberg, *Culpa e depressão* (pp.125-134). Lisboa: Climepsi Editores.

- Grinberg, L. (2001). *Teoria da identificação*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Grotstein, J. (1985). *A divisão e a identificação projectiva*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Hansell, A. G., Lerner, H. D., Milden, R. S., & Ludolph, P. S. (1988). Single-sign Rorschach suicide indicators: A validity study using a depressed inpatient population. *Journal of Personality Assessment*, 52, 658-669. Consultado em 12 de Outubro de 2008 através da base dados EBSCOHost Academic Search Complete.
- Jeammet, P., & Birot, E. (1994). *Étude psychopathologique des tentatives de suicide chez l'adolescent et le jeune adulte*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Kendra, J. M. (1979). Predicting suicide using the Rorschach inkblot test. *Journal of Personality Assessment*, 43, 452-456. Consultado em 12 de Outubro de 2008 através da base dados EBSCOHost Academic Search Complete.
- Kernberg, O. (1989). Projecção e identificação projectiva: Aspectos clínicos e de desenvolvimento. In J. Sandler, *Projecção, identificação, identificação projectiva* (pp.100-120). Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1987)
- Ladame, F. (1995). Le suicide chez l'enfante et l'adolescent. In S. Lebovici, R. Diatkine & M. Soulé, *Nouveau traité de psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent* (Vol. 2, pp.1517-1525). Paris: Presses Universitaires de France.
- Laufer, M. (2000). Compreender o suicídio: Tem um significado especial na adolescência. In M. Laufer, *O adolescente suicida* (pp.69-79). Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original publicada em 1995)
- Laufer, M. E. (2000). Uma pesquisa sobre a tentativa de suicídio na adolescência. In M. Laufer, *O adolescente suicida* (pp.97-109). Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original publicada em 1995)
- Lerner, P. M. (1988). Rorschach measures of depression, the false self, and projective identification in patients with narcissistic personality disorders. In P. Lerner & H. Lerner, *Primitive mental states and the Rorschach* (pp.71-93). Connecticut: International Universities Press
- Marcelli, D. (2002). Relações entre depressão e suicídio na adolescência. In D. Marcelli, *Os estados depressivos na adolescência* (pp.165-181). Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original publicada em 2000)
- Marcelli, D., & Braconnier, A. (2005). *Adolescência e psicopatologia*. Lisboa: Climepsi Editores.

- Marques, M. E. (1991). As Manifestações dos Mecanismos Adaptativos/Defensivos nos Rorschach de Adolescentes. *Análise Psicológica*, 9, 203-209.
- Marques, M. E. (1993). L'expression feminine et masculine de l'adolescence a travers le Rorschach: le travail de transformation et de construction a l'adolescence. *Bulletin de la Société du Rorschach et des Méthodes Projectives de Langue Française*, 37, 41-45.
- Marques, M. E. (1999). *A psicologia clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Marques, M. E. (2005). Avaliação psicológica do adolescente e do risco. *Análise Psicológica*, 23, 19-26.
- Matos, M. (2005). *Adolescência, representação e psicanálise*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Organização Mundial Saúde, (2006). *Preventing suicide: A resource for counsellors*. Consultado em 18 de Janeiro de 2008 através de http://whqlibdoc.who.int/publications/2006/9241594314_eng.pdf
- Organização Mundial Saúde, (2009). *Numbers and rates of registered deaths*. Consultado em 18 de Janeiro de 2009 através de <http://apps.who.int/whosis/database/mort/table1.cfm>
- Rausch de Traubenberg, N. (1975). *A prática do Rorschach*. São Paulo: Cultrix. (Obra original publicada em 1970)
- Rausch de Traubenberg, N., Bloch-Lainé, F., Duplant, N., Martin, M., & Pioggionovo, M. P. (1993). Le Rorschach a l'adolescence: la clinique du normal. *Bulletin de la Société du Rorschach et des Méthodes Projectives de Langue Française*, 37, 7-39.
- Rausch de Traubenberg, N. (1983). Actividade perceptiva e actividade fantasmática no teste Rorschach. *Análise Psicológica*, 4, 17-22.
- Ribeiro, J.L.P. (2007). *Metodologia de investigação em psicologia e saúde*. Livpsic
- Sampaio, D. (1991). *Ninguém morre sozinho* (14ª ed. rev.). Lisboa: Editorial Caminho.
- Sampaio, D. (2005). Suicídio e para-suicídio. In J.C. Dias Cordeiro, *Manual de psiquiatria clínica* (3ª ed., pp.395-405). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Santos, M. G. (1989). Utilização de testes projectivos em investigação: Um exemplo de construção de indicadores. *Análise Psicológica*, 7, 341-352.
- Silberg, J. L., & Armstrong, J. G. (1992). The Rorschach test for predicting suicide among depressed adolescent inpatients. *Journal of Personality Assessment*, 59, 290-303. Consultado em 12 de Outubro de 2008 através da base dados EBSCOHost Academic Search Complete.

ANEXOS

Anexo A: Protocolo

<p style="text-align: center;">I</p> <p>5'' 1- Que coisa tão esquisita, não se parece com nada. (afasta e manipula a prancha) Ok, isto é estúpido... talvez o símbolo do paraquedismo, tem asinhas. 40''</p>	<p>Por causa das asinhas aqui, e tirando a parte de baixo (Dd inferior)</p>	<p>Crítica Obj. D F- Emb</p>
<p style="text-align: center;">II</p> <p>5'' 2 - Dois cães. Não, dois rinocerontes. Têm corninhos aqui. 38''</p>	<p>Os corninhos no meio. R.A: No vermelho, enfim, não vejo nada. Deram-lhes um tiro e fez pum. (D C sang)</p>	<p>D F+ A Ban</p>
<p style="text-align: center;">III</p> <p>3'' 3 - Dois senhores. 4 - O que é isto? Parece um estômago. É a forma do estômago. 34''</p>	<p>Parece mesmo dois senhores por causa da cabeça. R.A: Parecem vasos. (D F+ Obj)</p>	<p>G K H Ban D F- Anat</p>
<p style="text-align: center;">IV</p> <p>12'' (faz uma careta) 5 - Um pássaro com pés. 46''</p>	<p>Tem pés de pessoa, o bico dos meus pássaros, cauda de pássaro e tem tentáculos.</p>	<p>Eq. Choque G F- (AH)</p>

<p style="text-align: center;">V</p> <p>5'' 6 - Isto pode parecer estúpido, mas vejo uma mistura de gazela com caracol e borboleta. Tem patas. 17''</p>	<p>Tem asas de borboleta, corninhos de caracol e patas de gazela.</p>	<p>Crítica Subj. D(G) F± (A)</p>
<p style="text-align: center;">VI</p> <p>10'' 7 - Uma tartaruga ... com bigodes. 30''</p>	<p>Por ter este corpo grande e estas patinhas.</p>	<p>G F- (A)</p>
<p style="text-align: center;">VII</p> <p>1'' 8 - Dois coelhos a brincar naquelas coisas dos parques que agora não me lembro o nome, os baloiços que sobem e descem. 10''</p>	<p>Parece por causa das orelhas.</p>	<p>G Kan A/Obj</p>
<p style="text-align: center;">VIII</p> <p>15'' 9 - Dois fuinhas a dar a volta ao mundo. Essas coisinhas vermelhas. 1' 3''</p>	<p>Não se parece mesmo com nada, não faz muito sentido eles darem a volta ao mundo assim, mas vão-se encontrar. São bastante grandes.</p>	<p>Eq. Choque D/G F- A Ban</p>
<p style="text-align: center;">IX</p> <p>13'' (sorri) 10 - Uma passagem ... 30''</p>	<p>Aqui no meio. E tem relva à volta, é verde.</p>	<p>Eq. Choque D FC Nat</p>
<p style="text-align: center;">X</p> <p>15'' 11 - Um arco e um jardim ... 30''</p>	<p>Jardim por causa das cores. R.A: (D. verde inf.) A cabeça de um jumento. (D F- Ad)</p>	<p>Eq. Choque G CF Arq/Nat</p>

PSICOGRAMA

R : 11 ↓↓	G: 7 64% ↑↑	F+: 1	A: 2	F%: 64%
Temp. Total : 5'38'' ↓↓	(D(G); D/G)	F-: 5	A/Obj: 1	F+ %: 21% ↓↓
Temp. Resp.: 31'' ↓	D: 4 36% ↓↓	F±: 1	(A): 2	F%a: 90%
Temp. Lat. Méd.: 8 ↑	$\sum F=7$		(AH): 1	F+%a: 45%
R.A: 3 (II, III, X)			H: 1	
	K: 1		Anat: 1	A%: 27% ↓
Sucessão: Incoerente	Kan: 1		Emb: 1	A%: 55%
T. Apreensão: <u>G</u> <u>D</u>	FC: 1		Nat: 1	H%: 9% ↓
TRI: 1K:1,5C Extratensivo Misto	CF: 1		Arq/Nat: 1	
F.Comp.: 1k:0E Introversivo Puro				Ban: 3 ↓
RC% : 27% ↓				
I.A% : 9%				
Prova Escolha:	Elementos Qualitativos:			
+ : VIII e IX	Eq. Choque: (IV; VIII; IX; X)			
- : IV e VI	Crítica Objecto: (I)			
	Crítica Subjectiva: (V)			